

JEDER S. JANOTTI JR.

HEAVY METAL: O UNIVERSO TRIBAL E O ESPAÇO DOS
SONHOS

1994

J264h

21528/BC

Inapl.
22/1/99

JEDER S. JANOTTI JR.

JA

**HEAVY METAL: O UNIVERSO TRIBAL E O ESPAÇO DOS
SONHOS**

Dissertação apresentada como
exigência parcial para a obtenção
do grau de Mestre em Multimeios
à Comissão Julgadora na
Unicamp, sob a orientação do
Prof. Dr. Fernão Ramos.

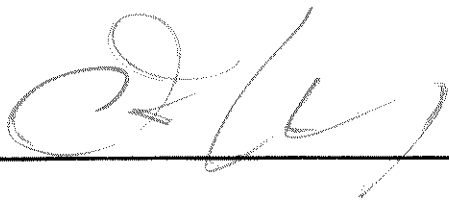
Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Jeder Silveira
Janotti Junior
e aprovada pela Comissão Julgadora em

24/03/94

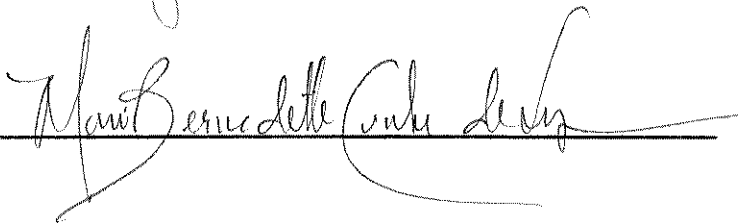
Prof. Dr. Fernão Vitor B. de A. Ramos

CAMPINAS
JANEIRO DE 1994

COMISSÃO JULGADORA:



Regina P. Müller



AGRADECIMENTOS

Ao Fernão Ramos
pela orientação e compreensão.

Ao Ivan Santo Barbosa e à
Bernadette Lyra pelo
carinho.

À Marlene, Jeder e Paulo
pelo incentivo.

Este trabalho só foi possível graças ao
Departamento de Comunicação Social
da Ufes e à CAPES, através do PICD ,
a quem vão aqui meus agradecimentos.

Para
Os headbangers
"Long live to Rock'n'Roll"

Para
Mirian

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
TRAJETÓRIA METÁLICA	
Heaven and Hell	12
Never Mind Blocks	26
Rock and Roll All Night and Party Every Day	35
Screaming for Vengeance	42
Overkill	48
Metal Militia	61
Trajetória Metálica no Brasil	71
Sodoma e Gomora	76
Bestial Devastation	80
A DANÇA DA TRIBO	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102
ANEXOS	106

INTRODUÇÃO

É fascinante o enorme poder de sedução que o Rock, e em especial o *Heavy Metal*, vem exercendo sobre a juventude contemporânea. O Rock Pesado não é simplesmente um estilo musical, mas um espaço em que é possível vivenciar um sentimento diante do mundo contemporâneo.

Fugindo às análises mais tradicionais que procuram encarcerar o Rock como uma música pobre e alienante, ou aos pretensos conhecedores, que, subdividem os estilos e classificam o *Heavy* como música repetitiva e conservadora, este trabalho é focado sobre o universo imagético, as letras e a relação grupal das bandas e dos fãs de Rock Pesado, em que a música funciona como uma ponte que permite aos rockeiros uma vivência simbólica longe da serialidade do cotidiano e sua extrema racionalização.

Como linguagem e produto nascido na esfera da Comunicação de Massa, o Rock Pesado é permeado pela utilização de signos: sejam eles verbais, musicais, imagéticos ou híbridos; o que vale destacar é que, quando se utiliza o termo linguagem metálica, a referência é a um sistema de signos e símbolos. Essa linguagem produz mensagens específicas

ao universo metálico, que dentro do contexto urbano contemporâneo se diferencia de outros agrupamentos, pois instituem um código baseado na música pesada, distorcida e nos signos imagéticos utilizados pelos *headbangers* (cabelos compridos, calças jeans "surradas" e camisetas de bandas). Mas esses signos não se inscrevem somente numa relação de identidade e diferenciação. Como este trabalho pretende mostrar, eles são um canal que possibilita a troca simbólica entre os fãs de *Heavy Metal*.

O simbolismo metálico é um catalisador da energia psíquica (libido), por isso esse termo vai estar presente no desenvolvimento deste trabalho. Essa energia foi originalmente ligada às necessidades biológicas como fome, sono, sede, sexualidade e os afetos, que são a natureza da libido. Com a redução da fecundidade em favor de uma proteção mais segura da prole, e uma conseqüente redução do volume produzido de óvulos e espermatozóides, foi liberada grandes quantidades de energia, que foram canalizadas para novas funções; surgem assim os primeiros impulsos artísticos. O ritmo binário, marcado e forte, que começa a se delinear nos primórdios do *Heavy*, já se afirma como uma transferência da energia libidinal para uma nova forma de atuação: a música e o imaginário metálico.

Não se trata de tentar mistificar o Rock, antes de tudo, este trabalho é uma tentativa de compreender o poder que essa forma de comunicação exerce e como suas significações são vivenciadas, já que o *Heavy Metal* diante desse olhar não é uma música barulhenta e repetitiva, e sim uma sonoridade produzida em meio à turbulência do dia a dia.

O desenvolvimento deste trabalho é construído a partir de um Trajeto Metálico, que tenta traçar o universo do *Heavy Metal* a partir de fragmentos históricos e suas significações. Em seguida foi abordado o Rock Pesado como uma linguagem que permite aos fãs a construção de um espaço simbólico (denominado aqui tribal). Por motivos estilísticos foi adotado em alguns momentos a terminologia brasileira Rock Pesado e os fãs de *Heavy Metal* são denominados *heavies* ou *headbangers*, também por questões de desenvolvimento do trabalho escrito.

O objetivo da ótica aqui apresentada é antes de tudo procurar compreender o *Heavy Metal*, através de sua decodificação e conceitualização. Quem sabe assim seja possível compreender um pouco mais as pressões e as relações vigentes no mundo contemporâneo.

TRAJETÓRIA METÁLICA

1.1 HEAVEN AND HELL

O Rock é descendente do grito negro dos escravos norte-americanos e da melancolia dos acordes do *blues* por um sopro de liberdade¹. A arqueologia do Rock é marcada pela busca desse grito primal, e com o *Heavy Metal* não poderia deixar de ser diferente.

Os elementos que delimitam o Rock Pesado, como o pequeno número de músicos na formação das bandas; a vocalização berrada; o volume e a distorção da música; são características oriundas do *blues* de Memphis e Kansas City, cidades que marcaram a urbanização desse estilo musical e sua conseqüente eletrificação. É por isso que o *Heavy Metal* e outros estilos dentro do Rock que buscam as suas raízes na energia *blues*, têm por hábito destacar a guitarra e centralizar seus focos sobre as "feras" desse instrumento.

O Rock Pesado começa a dar seus primeiros passos em um tempo de fissura e confusão, é o fim da década de sessenta, época assinalada

¹"(...) melas, que significa negro e chole que significa biliar." E. P. CAÑIZAL, *Surrealismo* p. 3.

pela utopia jovem de mudança de valores, pelo protesto contra o *status quo* e pela politização da juventude, representados pelos movimentos que aconteceram em 1968. Se a tomada de consciência e a movimentação provocaram uma mostra do poder de aglutinação da juventude em busca de seu espaço societal, a década de setenta vai ser marcada pela angústia de dormir com os anjos e acordar em um pesadelo: "O sonho acabou!, com isso quero dizer que toda essa euforia de 'poder jovem'- o mito da nova geração, enfim, se foi"².

A década de setenta é marcada pela fragmentação, onde o pensamento utópico se esfacela, e seu reflexo no Rock vai ser delineado através da criação de diversos estilos musicais. São os cacos de 68, onde a união hippie é substituída por uma profusão de tipos dentro do Rock, como o *art-rock*, o Rock progressivo e o *folk-rock*, que tentavam dar um tom mais erudito ao velho *rock'n'roll*. Enquanto isso, o *Heavy Metal* buscava um som mais visceral, calcado no espetáculo ao vivo.

É no clima de fim de festa dos anos sessenta que o Rock Pesado começa a engatinhar, buscando a distorção *blues*, usada inicialmente em virtude da baixa qualidade do equipamento sonoro utilizado pelos negros na primeira metade do século, e, recriada como signo energético, por Jimi Hendrix. Note bem, Hendrix não fazia apenas evocar a origem *blues* do Rock, ele recriava os elementos dessa música em outro contexto, colocando-os (ou ampliando-os) em outro jogo de linguagem.

² John Lennon apud R. MUGGIATI, *O Grito e o Mito* p. 75.

O *Heavy* descende da guitarra de Hendrix e de suas performances, porque é também uma tentativa de resgate desse espaço simbólico que a racionalidade de nossa época parece deixar de lado. É por isso que se diz que *Yardbirds* e *Cream*, ao lado de Jimi Hendrix, foram os genitores do "Texto Metálico", porque eram músicos que buscavam sua sonoridade no imaginário musical do *blues*. Não é por mera coincidência que esses músicos também tiveram em comum o fato de destruir seu equipamento em cena, o que além de caracterizar o *happening* como introjeção da força dos primórdios do Rock, ainda marca o espaço dionisiaco da evocação do mundo energético do ritual.

O *Led Zeppelin* foi a primeira banda a ser denominada *Heavy Metal*. O nome da banda foi baseado no grupo californiano *Jefferson Airplane*, que buscava inspiração nas viagens provocadas pelo LSD. A própria filiação do *Zeppelin* já explica o namoro da banda com temas psicodélicos (vide o filme *The Songs Remains The Same* e o visual da banda), porém ao contrário de seus ancestrais, o *Led Zeppelin* convida a uma viagem mais abissal, puxada para os instintos³ terrenos. Um zepelim de chumbo não pode voar, mas mergulha na terra, espaço das forças desconhecidas da natureza.

É interessante perceber que o *Zeppelin* já carrega em seu nome a "filiação metálica": *Led* - past participle de *Lead* - encabeçar, conduzir, induzir - trocadilho com *lead* - chumbo - zepelim de chumbo;

³ O instinto nesse contexto, é uma manifestação vivida entre o psíquico e o fisiológico, um elemento da psique resistente a qualquer tipo de mudança.

talvez tenha sido a partir dessa inspiração de peso, que o crítico musical Lester Bang resolveu denominar a banda como *Heavy Metal*, termo cunhado no livro *Almoço Nu* de Willian Burroughs⁴.

O *Zeppelin* vai surgir em meios às cinzas da crise do petróleo que abalou o mundo no início dos anos 70, cindindo ainda mais a fé de que a tecnologia iria subjugar a natureza. A escassez da suposta "fonte inesgotável" de recursos, mostrou que a tecnologia ainda dependia dos mistérios naturais. Podemos reconhecer aqui uma das fontes que irão marcar o imaginário metálico com fendas, abismos, infernos e catástrofes tecnológicas.

O vocalista da banda, Robert Plant, foi um dos pioneiros na criação da performance dos vocalistas de *Heavy*, alternando as vocalizações *blues* com um forte frenesi no palco (na de busca do grito primal do Rock, em uma espécie de mergulho no inconsciente coletivo): "O Rock preserva e reforça os vestígios do infantilismo primal que tenha conseguido sobreviver até a adolescência como a melhor época de nossas vidas /.../ talvez música nenhuma traduza mais fielmente os nervos à flor da pele da frustração pubescente do que o *Heavy Metal*"⁵.

Com o *Zeppelin* já é possível vislumbrar os elementos de uma linguagem que começará a delimitar o espaço dos fãs de *Heavy Metal*, tais como calças jeans rasgadas, tatuagens, braceletes e imagens teratológicas. Esses acessórios vão servir para delimitar o reconhecimento do espaço grupal, permitindo identificar através de signos diferenciais quem faz parte

⁴ Cf. R. MUGGIATI, *O Grito e o Mito*

⁵ Ibidem, p. 155.

da tribo metálica.

O *Led* vai começar a demarcar a utilização dos amplificadores, microfones e instrumentos, não só como extensões da voz e da sonoridade, mas enquanto signos que vão funcionar como elementos míticos, portadores de poderes divinos. Já não basta tocar bateria, é necessário surrá-la sem piedade, até o próprio esgotamento; já não conta só tocar guitarra, é preciso projetar sons com pedais de distorção. O microfone não é somente uma extensão da voz, mas um instrumento fálico que possibilita um grande jogo de cena. Esses mecanismos ajudam na busca de um espaço simbólico através da sonoridade e da repetição, tais como observados nos ritos indígenas.

O filme, *The Song Remains the Same*, que alterna cenas da turnê do grupo em 1976 com cenas de ficção sobre cada integrante da banda, traz imagens muito interessantes em relação ao simbolismo metálico. O vocalista Robert Plant interpreta um cavaleiro medieval que invade castelos em busca de sua amada, sendo que a peregrinação evoca uma certa nostalgia, a procura da energia perdida (grito *blues*, pedra filosofal do Rock). Se lembrarmos que o castelo é o centro da vida na Idade Média, corrobora ainda mais essa busca primal. O guitarrista Jimi Page assumiu a forma de um velho sábio, que segundo Jung é uma "personificação do sentido e do espírito"⁶. Já o baixista John Paul Jones personifica um cavaleiro negro, que toca órgão

⁶ C.G. JUNG, *Símbolos da Transformação* p. 322.

em uma catedral (centro espiritual do mundo ocidental), esse cavaleiro remete à própria relação com o inconsciente.

A musicalidade do *Zeppelin* vai ser assinalada pela potência da bateria, onde o bumbo é fundamental na marcação dos tempos. O baterista John Bonham foi um dos mais importantes percussionistas do Rock, ele influenciou toda escola rítmica de músicos que buscam uma sonoridade pesada. O grupo irlandês *U2* chegou a samplear o som da bateria de Bonham na produção do álbum *Joshua Tree*. A percussão do *Zeppelin* é forte e marcada (herança *blues*, que pode ser vislumbrada na regravação que o grupo fez de clássicos do *blues* como *I Can't Quit You Baby*). Esse som vai ser fundamental nas circunstâncias ritualísticas que vão influenciar os shows de *Heavy Metal*, fazendo parte da construção do imaginário metálico.

Das muitas lendas que marcaram a história do *Led Zeppelin*, uma vai ser crucial para o trajeto metálico, é a ligação do guitarrista Jimi Page com a magia negra. Ele, além de ser um estudioso de ocultismo, chegou a comprar a casa que pertenceu ao bruxo Alester Crowley, localizada ao lado do Lago Ness. É claro que esse elo com o lado negro contribuiu para fomentar ainda mais a ligação do *Heavy* com os demônios e as bruxas. As misteriosas mortes do filho do vocalista Robert Plant e do baterista John Bonham foram associadas à paixão de Page pelo ocultismo. De qualquer modo a ligação com a magia negra foi a fonte da revalorização da velha lenda *blues* do pacto fáustico em troca do sucesso (relatada no filme *A Encruzilhada* de Walter Hill; vale lembrar que nesse filme Steve Vay, um dos

maiores guitarristas da atualidade, interpreta o papel de enviado do demônio).

O *Deep Purple* surgiu sob a influência da batida negra do *rhythm'n'blues*, sonoridade fundamental na história do Rock inglês (vide os *Rolling Stones*, *Led Zeppelin* e *Cream* e sua ligação com a guitarra de Chucky Berry). O Som do *Purple* é caracteristicamente híbrido, passeando por acordes *blues*, pelo Rock pesado e até elementos do Rock progressivo; sendo que seus primeiros sucessos comerciais já evocam essa colagem sonora: *Hush* (sucesso do cantor negro Joe South), *I'm So Glad* (música do *Cream*) e *River Deep, Mountain High* (da dupla *soul* Ike and Tina Turner). Mas é só a partir do Lp *In Rock* (1970) que o grupo vai fazer parte ao lado do *Zeppelin* e *Black Sabbath* da triade sagrada do *Heavy Metal*.

O grupo é o criador de uma das mais famosas músicas do Rock Pesado, trata-se de *Smoke on the Water*, um hino metálico que conta a história da gravação que o *Purple* faria no Cassino de Montreaux. O local pegou fogo na véspera e a banda acabou realizando o trabalho no hotel onde estavam hospedados. O Refrão da música une dois elementos fundamentais em qualquer arqueologia simbólica: "Smoke on the Water/ A Fire in the Sky"; o próprio título da canção é constituído pela junção de dois elementos insólitos: Névoa, evoca algo diáfano, impossibilitando uma visão clara, misturada à água, que além de ocupar a maioria do espaço terrestre e do corpo humano, remete às profundezas (inconsciente), cuja penetração é difícil e difusa; a vida emerge da água como o feto que necessita da placenta

e o sol que "se levanta das águas".

O *Deep Purple* inaugurou o flerte do Rock Pesado com a música erudita, chegando até a gravar um álbum com a *Royal Philarmonic Orchestra* de Londres, fazendo uma espécie de pastiche entre o Rock e a sonoridade dita "clássica". É claro que podemos perceber nesse namoro uma necessidade de afirmação, em que os rockeiros do *Purple* tentam demonstrar virtuosismo e conhecimento musical, trabalhando aspectos técnicos de sua formação. Mas além desse aspecto, o namoro com o "erudito" funda uma ligação entre um estilo anterior à comunicação de massa, e outro, que depende fundamentalmente da reprodutibilidade técnica, mostrando que a colagem e a fragmentação fazem parte da nova dinâmica societal, em que o homem contemporâneo é bombardeado por informações a todo momento, possibilitando um mosaico informativo, que coloca no mesmo âmbito estilos musicais que parecem antagônicos.

Foram as cavernas do *underground* inglês, que produziram o mais erno e sombrio grupo da história do *Heavy Metal*, o *Black Sabbath*, conjunto que marcou toda linguagem metálica, sendo a maior referência do Rock Pesado. Segundo o vocalista Ozzy Osbourne, o nome da banda foi escolhido como um antídoto às idéias de paz e amor que ainda flutuavam entre os jovens ingleses no início da década de setenta⁷. *Sabbath* (que vem do hebreu) em português - sabá: "conciliábulo noturno de bruxas e bruxos, segundo uma superstição popular medieval, se reunia à meia noite de sábado

⁷ Cf. B. HARRIGAN & M. DOME, *Encyclopedia Metallica*

sob a presidência de Satanás"⁸. Satã que pertence à tradicional oposição BEM/MAL, é resgatado como uma entidade de potência.

O rito macabro do *Sabbath* abre uma nova escritura jovem diante do mundo: não mais paz e amor, agora os parâmetros são outros, o inferno é aqui e agora, é o fardo do dia a dia, simbolizado pelas imagens metálicas. Como disse o baixista Terry Gezer Butler: "Todos nós pensávamos que podíamos mudar o mundo, virar as coisas de perna pro ar. E aí, de repente, tudo mudou; nada aconteceu"⁹.

O *Sabbath* fez vir à superfície uma série de imagens ligadas ao medievo, resgatando elementos relacionados ao inconsciente coletivo, medos e aflições dos homens desde os seus primórdios. Apesar de sermos arremessados em direção ao futuro, a psique reclama seus instintos selvagens. Tal como no filme *Guerra Nas Estrelas*, de George Lucas, a tecnologia não é tudo, é necessário a participação do inconsciente humano. "Como é sabido o processo cultural consiste na repressão progressiva do que há de animal no homem; é um processo de domesticação que não pode ser levado a efeito sem que se insurja a natureza animal, sedenta de liberdade"¹⁰. O Rock Pesado é como um momento de embriagues, que trabalha um território dionísio dentro da Cultura.

O *Black Sabbath* construiu um tratado de imagens sombrias, verdadeira teratologia metálica (*The Wizard, Nativite in Black, Eletric*

⁸ *Dicionário Caldas Aulete da Língua Portuguesa*

⁹ Cf. Revista *Somtrês* Black Sabbath, s.d., edição especial.

¹⁰ C. G. JUNG, *Psicologia do Inconsciente*, p. 11.

Funeral, Children of the Grave, Sabbath Bloody Sabbath, Lady Evil, Voodoo), títulos que refletem um sentimento de instabilidade diante do mundo contemporâneo, um mergulho no inconsciente coletivo: "O *Black Sabbath* tem tudo em comum com os grandes *bluesman* do Delta. Como eles, o quarteto tem a capacidade de sintetizar as angústias e sentimentos coletivos dando-lhes uma dimensão de esperança e conforto, por unir todas as pessoas no mesmo descontentamento. Eles são os verdadeiros *bluesman* dos anos 70"¹¹.

O resgate da missa negra (conforme os sons de sinos e tempestades da música *Black Sabbath*) e seus timbres projetam imagens de terror, massas estimulantes de sons. É a transubstanciação do timbre em sonho, do som físico em signos de medo; não é por acaso que os filmes de terror utilizam em suas trilhas muito Rock Pesado (vide *Pet Sematary*, *Terror na Ópera*, *Hellraiser*).

A Descida ao inferno, retratada em mitos como o de Orfeu, presente no universo metálico, e em particular no som do *Sabbath*, revela o processo de introversão da mente, a passagem do consciente à profundidade inconsciente, de onde afloram os conteúdos mitológicos presentes no inconsciente coletivo. Aqui o mito antes de ser uma busca de sentido, é primordialmente uma experiência de sentido.

Mas o *Sabbath* não se valeu só de palavras, todo o campo semântico de sua temática, seu som embrutecido e violento são calcados na

¹¹ Fletcher, crítico da revista Rolling Stone in *Somtrês Black Sabbath*, s.d., edição especial.

expressão, o terror faz parte da própria imagem: profusão de cruzes e crânios, símbolos ligados à morte, é sabendo-se mortal que o homem instaura a separação racionalidade/animalidade. A morte é a fonte primordial do medo humano de estar no mundo, a tensão que se opõe à vida, tensão de onde flui a energia libidinal. Revelendo a escuridão, o Rock Pesado abre as portas dos instintos reprimidos, e aí, entra o som alto e distorcido do Black Sabbath e da sonorização metálica, é a tradução da angústia ancestral misturada aos medos contemporâneos. Como diz a música *Iron Man*:

He was turned to steel
In the great magnetic field
Where he traveled in time
For the future of the mankind

O *Heavy Metal* grita em altos decibéis que algo precisa ser colocado para fora. "Nessa sociedade repressiva, onde as capacidades simbólicas dos jovens estão minimizadas, o ser superior passa a ser animal"¹².

É a partir do sucesso do *Led Zeppelin* e do *Black Sabbath* nos Estados Unidos da América, que o Rock Pesado vai conquistar todo mercado ocidental. Afinal, ali é o lugar por excelência da comunicação de massa, que como um grande espelho reflete seus raios por todo o planeta, sendo o templo da cultura midiático-eletrônica. Terra de Hollywood, Disneyworld;

¹² J.L. BARRETO, *Rock & Drogas* p. 35.

templo da cultura midiático-eletrônica. Terra de Hollywood, Disneyworld; onde sonhos imagéticos são comercializados por toda parte. Enquanto a Inglaterra funcionou como um laboratório experimental do *Heavy Metal*, foi o circuito norte-americano que o transportou para a aldeia global. Só a terra da inflação imagética poderia lançar os projéteis metálicos ao resto do ocidente.

Sendo a sociedade norte-americana o templo dos *mass-media*, o consumo do Rock vai ser ainda mais midiático, em que há um privilégio ainda maior de seu universo imagético. Segundo Tony Iommi (guitarrista do *Sabbath*): "Na Inglaterra é uma transa de identificação com nossas figuras, com nosso background. Mas na América é diferente. Lá é tão violento que eles levam tudo a extremos. Eles adoram esse lance de magia negra. Vão ver nossos shows como quem vai a um filme de terror, só que com mais barulho, é claro"¹³. O simulacro da informação passa a ser a simulação de uma outra realidade, no caso, virtual. A imagem perde o seu caráter referencial e passa a ser seu próprio referente, intensificando ainda mais o seu caráter simbólico.

É neste cenário que surgem as primeiras bandas de *Heavy Metal* norte-americanas. A juventude americana começou a produzir um Rock que buscava através do grito primal, um farol para agrupar as angústias e depressões da adolescência. Era preciso apelar ao imaginário metálico para ativar os sentimentos que se encontram aquém do limiar da consciência. A

¹³ *Somtrês* Black Sabbath, s.d., edição especial.

banda *Blue Oyster Cult* é o início do cenário metálico nos Estados Unidos.

O *Blue Oyster Cult* já traz no próprio nome a filiação *blues*, fazendo alusão a um culto, uma seita, uma espécie de grupo fechado onde os jovens vão se abrigar contra os riscos do cotidiano, mantendo seu espaço territorial semântico. Os fãs de *Heavy* se abrigam contra a homogeneidade social imposta pelos padrões medianos de ser-estar no mundo, difundidos pelas grandes redes de comunicação. O mistério, o sagrado, presentes no universo metálico, protegem o grupo contra os não-iniciados.

Um dos grandes sucessos da banda é *Godzilla*, música inspirada no filme homônimo japonês, e que trabalha no imaginário metálico o monstro pré-histórico que emerge no mundo contemporâneo. Uma das estrofes da canção diz: "History shows/ Again and Again/ How nature points up/ The folly of men". A projeção da imagem arquetípica do dragão, do monstro *Godzilla*, representa forças que a consciência não pode controlar, vale lembrar que no filme e nas imagens mostrada no clip, *Godzilla* surge da água, metáfora do inconsciente; o animal aglutina a parte da energia psíquica não educada, reprimida pelo racionalismo, porque não é domesticado. A imagem do monstro aponta uma fenda na relação entre homem cultural (razão) e natureza (inconsciente). Como parece não haver saída da realidade cotidiana, da cisão entre Apolo e Dionísio, o imaginário metálico projeta as energias inconscientes reprimidas pelo ego: "Towards the center of town/ Oh, no, They say he's got/ To go, go, go, *Godzilla*". Lembrando que a cidade é o lugar sagrado em que todos os pedaços da personalidade se agrupam, o

monstro vai para a cidade, onde é combatido por aviões e tanques, armas tecnológicas.

Outro grupo americano que se destacou nessa época foi o *Aerosmith*, que construiu sua sonoridade baseada no *rock'n'roll* mais clássico, mas sempre com muito peso e energia. Essa banda é fundamental na genealogia do *Glitter Rock* e do *Heavy Metal* feito nos EUA a partir do grande boom dos anos oitenta.

É interessante notar como alguns críticos contemporâneos no Brasil, insistem em idealizar os grupos surgidos na década de setenta, taxando-os de "Rock Pauleira", enquanto *Heavy Metal* seria reservado para os grupos que marcaram o Rock Pesado nos anos oitenta. "As influências da banda são todas de grupos que faziam sucesso no tempo em que *Heavy Metal* ainda era singelamente chamado de Rock Pauleira"¹⁴. Ora, desde o *Led Zeppelin*, que se cunhou o termo *Heavy Metal*, Rock Pauleira é no máximo um aportuguesamento do termo, essa divisão é forjada por aqueles que não aceitam dividir o som do *Zeppelin*, *Purple* e *Sabbath*, com uma turma de adolescentes que se veste de preto, curte bandas com sonoridades desconhecidas dos "antigos" e demarca seu espaço dentro da cidade com um modo peculiar de viver seu território; portanto atrás dessa divisão se esconde um grande preconceito, o da antiga batalha de gerações entre o novo e o velho, o ovo e o novo.

¹⁴ Edson Franco Pinto, *Folha de S. Paulo* Ilustrada, 13/08/93.

1.2 NEVER MIND BLOCKS

Até meados da década de setenta o Rock Pesado esteve bem na indústria fonográfica, as bandas vendiam bem e seus shows estavam sempre lotados; surgiram inúmeros grupos, como o *Uriah Heep*, que adotavam o *Heavy Metal* de olho nos altos índices de venda do gênero. Segundo Leopoldo Rey e Gilles Philippe, a história do *Uriah Heep* é resumida assim: "Surge Mr. G. Brin, presidente da recém-fundada Bronze Records, com três exigências para um contrato: 1) mudar o nome da banda para alguma coisa tipo *Uriah Heep* (personagem de um livro de Charles Dickens) 2) arranjar um tecladista organista, 3) fazer um som mais pauleira, para poder concorrer com *Led, Sabbath, Purple*, etc. Eles topam(...) . O som muda e nasce agora o *Uriah Heep*, agora *Heavy Metal*"¹⁵. Esse trecho mostra como já era fácil para os empresários detectar uma linguagem metálica, com um nome enigmático, som pesado e o que não foi mencionado na passagem acima, letras e capas de disco que remetessem a um universo sobrenatural, como atestam as músicas e imagens utilizadas pelo *Uriah Heep*.

1975 vai ser um ano macabro na trajetória metálica, as bruxas parecem soltas em todas as direções. O guitarrista Richie Blackmore resolve abandonar o *Deep Purple*; o *Led Zeppelin* também não vai muito bem, logo

¹⁵ *Somtrês*; Livro Negro do Rock, s.d., edição especial.

após o lançamento do Lp *Physical Graffiti*, Jimi Page machuca o dedo, o baterista John Bonham tem problemas com a bebida e Robert Plant apresenta distúrbios em suas cordas vocais. Até o vocalista Ozzy Osbourne decide abandonar o *Black Sabbath*. Não era preciso ser médico para perceber os sintomas de que algo ia mal com o Rock Pesado. Mas enquanto o *Heavy* e todo *star-sistem* do Rock apresentava sinais de cansaço, um movimento surgido no *underground* londrino dava seus primeiros passos na tentativa de rejuvenescer a rebeldia latente do *rock'n'roll*, era o *Punk*.

Esse movimento veio lutar contra a acomodação dos grandes ídolos do Rock que estavam em sua maioria milionários, e naturalmente mais preocupados em administrar seu patrimônio do que em movimentar a energia latente da juventude. "Quando eu era novo, os discos que eu ouvia tinham 12, 14 faixas cada um. Em 76 cada Lp só tinha uma música de cada lado, com um monte de solos de guitarra e teclados insuportáveis. Nós reembalamos o Rock, jogamos o lixo fora e começamos tudo de novo, do zero. Botamos só o que interessava: diversão, suor, emoção, energia. Nós fizemos o *rock'n'roll* grande novamente!"¹⁶.

O *Punk* surgiu como um grito social. Foi o grito dos jovens londrinos contra o paradoxo da máquina neo-liberal: ao mesmo tempo em que tolhe a rebeldia inerente ao jovem, ao exigir que ele ingresse o mais cedo possível no mercado de trabalho, essa máquina vai fechar o acesso da maior parte dessa juventude à sociedade, principalmente se recordarmos que em

¹⁶ Joey Ramone, vocalista do Ramones, apud A. BARCINSKI, *Barulho* p. 72.

meados da década de setenta, o mundo colhia os frutos amargos da crise do petróleo de 1973. "Mais do que um instrumento de revolução, o pesadelo *Punk* parece funcionar como sintoma de que as coisas não andam bem nas sociedades industrializadas de hoje, principalmente no que se refere aos jovens"¹⁷.

O grupo que virou sinônimo do movimento *Punk* foi o *Sex Pistols*, marcado por duas figuras emblemáticas: o vocalista Johnny Rotten e o baixista Sid Vicious. Juntos eles foram buscar as estruturas básicas do Rock em suas formas primais, emitindo um grito forte e desesperançado: "No future/No future for you"- "I'm an antichrist/ I'm an anarchist". É deste modo que as "pistolas do sexo" vão tentar resgatar a energia vital do *rock'n'roll*, desnudando toda a frivolidade do cotidiano contemporâneo. É sintomático que o grupo que canalizou e vomitou toda a energia que estava sendo reprimida pela sociedade, tenha um nome que evoque literalmente uma das forças mais instintivas e potentes da humanidade: a sexualidade. Os *Pistols* atiram literalmente em todas as direções, a força energética liberada pelo grupo é tão forte, que seus shows só poderiam ser uma série de atos masoquistas, como cortar-se com vidro em pleno palco e se imolar com correntes. A embriaguez e as drogas também são uma constante desse grupo, pois estão em relação com a lascívia, funcionando como elementos que evocam a energia libidinal.

Mas o Rock é um fenômeno da indústria cultural, e não é

¹⁷ R. MUGGIATI, *História do Rock* p. 112.

bom deixar de comentar que como tal, ele não deve ser mitificado, esquecendo que ele é um dos combustíveis que move a indústria fonográfica. A história do *Sex Pistols* ilustra bem o paradoxo de um estilo musical calcado na ruptura semântica com os padrões médios de significação na sociedade. Apesar de contestar todo o tempo a sociedade contemporânea, o grupo é fruto da genialidade de Malcolm McLaren que, em uma de suas viagens à Nova York, percebeu a existência de um espaço para bandas que retornassem ao Rock básico, aliado a uma forte dose de agressividade e a um visual escrachado. Transportando essa fórmula para Londres, McLaren ganhou muito dinheiro, o que não descaracteriza em nenhum momento o movimento *Punk*, afinal o Rock surgiu como um fenômeno da indústria cultural e deixar esse aspecto de lado, seria ignorar e mitificar a gênese desse estilo musical.

De todo modo os *Pistols* foram bastante fiéis ao ideário de suas músicas, e pagaram um preço alto por liberarem energias há muito reprimidas pela moral tradicional da sociedade contemporânea. Os *Pistols* foram sucumbidos no turbilhão da indústria fonográfica; assinaram contrato com a EMI, mas faziam música contra essa mesma indústria (o grupo tem uma música chamada EMI). O suicídio do baixista Sid Vicious é uma metáfora do fim do grupo, parecia ser a única alternativa dentro da meteórica carreira da banda. Como disse o crítico Malcolm Dome "After all, what could have happened to The *Sex Pistols* had they not self-destructed? If album number two had ever been recorded, doubtless it would have been less about

punk and more about rock music *per se*"¹⁸.

O *Punk* vai adotar os tons escuros como manifestação de luto, representando a morte dos padrões da sociedade contemporânea. Já dá para perceber uma das barreiras entre esse estilo e o *Heavy Metal*, pois como foi assinalado, o negro no Rock Pesado é o desconhecido, a queda imaginária no inconsciente. Por isso muitos *punks* acusam o *Heavy* de sublimar os instintos agressivos sufocados pelo cotidiano. Talvez seja essa diferença que faz do *Punk* um movimento ligado ao anarquismo e bastante politizado, enquanto o *Metal* lida com elementos de todas as classes sociais, sem exigir um posicionamento mais crítico diante da sociedade. É claro que os dois textos se interpenetram, o *Punk* recorre também à símbolos arquetípicos como a caveira e a cruz, e o negro no Rock Pesado atesta uma recusa dos padrões estabelecidos pela sociedade contemporânea, vide o próprio campo semântico produzido pelo *Heavy*, que coloca formas alternativas de vivência societal.

Na música *Punk* é possível perceber estratégias textuais que têm muitos pontos em comum com as criações do Rock Pesado. Alguns músicos de *Metal*, como o baterista Herman Rarebell da banda *Scorpions*, chegam ao extremo de afirmar que: "When the punk musicians learn how to play their instruments then the bands will become *Heavy Metal*"¹⁹. Exageros a parte, o certo é que elementos como a instabilidade e a turbulência sonora através de gravações sujas e distorcidas (tentando recriar o clima das

¹⁸ B. HARRIGAN & M. DOME, *Encyclopedia Metallica* p. 8.

¹⁹ *Ibidem*, p. 6.

primeiras gravações *blues*, onde todos os instrumentos eram captados de uma só vez) corroboram o sentimento de incertezas e dúvidas registrados em suas letras. No Rock Pesado as questões sociais são obliteradas em busca de relações mais ligadas ao inconsciente, na tentativa de fazer aflorar instintos reprimidos pela sociedade.

Também por volta de 75/76, Nova York estava produzindo a sua versão do movimento *Punk*. O *Ramones* foi, e é, um dos grupos mais representativos desse estilo musical. Uma banda que irá influenciar todo o *Heavy Metal* produzido a partir da década de oitenta; suas músicas são rápidas, curtas e baseadas em três acordes; executadas com uma ferocidade energética, fundamental na renovação do Rock. Segundo a Enciclopédia do Rock, o *Ramones* "são considerados, por muitos, o mais primitivo de todos os grupos que recriaram o *rock'n'roll* nos anos setenta, pois parecem conhecer apenas um andamento (acelerado), fazem letras quase ingênuas em sua superficialidade, mas possuem o espírito contagiante do Rock"²⁰.

Walking through the cross fire heart
 Feeling heavy and hopeless
 Wonderin how I ever Willsee
 Through the darkness
 Every drop of blood can be
 So beautiful.
 And I sure was bleedin' the drops by

²⁰ *Somtrês* Enciclopédia do Rock, s.d., edição especial.

The bucketful. (*Strength to Endure*)

O grupo é um dos responsáveis pelo resgate da energia inicial do *rock'n'roll*, e ironiza sempre que pode o *star system* do Rock (em *Judy is a Punk* eles cantam "segundo verso, igual ao primeiro"). Não por acaso, o *Ramones* é cultuado pela geração rockeira contemporânea, basta observar o sucesso das apresentações da banda pelo Brasil.

O *Ramones* trabalha com diversos elementos que fazem parte do imaginário metálico, um de seus maiores sucessos dentro do público *Heavy* é *Pet Sematary*, trilha sonora do filme homônimo. Essa música, além de fazer parte do universo dos filmes de terror, foi inspirada em um livro de Stephen King, autor muito cultuado pelas bandas de Rock Pesado. O cinema e a literatura de terror são muito caros ao texto metálico, pois trabalham com o medo e a escuridão, o lado oculto do homem, monstros desconhecidos:

Under the arc of the weather stain boards,
 Acient goblins, and Warioros,
 Come out of the ground, not make a sound,
 The smell of death is all around,
 And the night when the colds wind blows
 No one cares, Nobody knows (*Pet Sematary*)

A letra fala do mundo desconhecido e estranho (o

inconsciente), se referindo ao aspecto terreno do cemitério e a força da natureza ("weather stain boards").

A morte nesse universo é uma espécie de reencontro com o lado esquecido do homem: sua animalidade, representada pela queda na escuridão ("And the night when the colds wind blows"), que ninguém liga e ninguém sabe. "O medo da vida não é um fantasma imaginário, mas um pânico muito real que só parece tão insignificante porque sua verdadeira origem é inconsciente e por isso projetada: a jovem parcela da personalidade que é impedida e retida diante da vida produz medo e transforma-se em medo"²¹. É bom ressaltar que a grafia errada em algumas partes da música é devida ao fato de que no filme, são as crianças que escreveram a placa do cemitério, o que remete à natureza, à infância do homem antes de penetrar no universo cultural:

I don't want be burried in the Pet Sematary,
I don't want to live my life again

Grupos como *Motorhead* e o *Skid Row* incluem homenagens ao *Ramones* em seus shows. Talvez a adoção dessa banda pelos grupos de Rock Pesado esteja ligada ao fato de que sua crítica política é justamente a reivindicação de um espaço onde os rockeiros possam se relacionar com energia e simplicidade. Como diz uma de suas canções: "I just have something to do, tonight". "Na verdade, acho todos os políticos, democratas

²¹ C. G. JUNG, *Símbolos da Transformação*, p. 290.

ou republicanos, de esquerda ou de direita cheios de merda. No caso do Oriente Médio, achei bom terem acabado com o Sadam Hussein, que é um terrorista alucinado, mas ao mesmo tempo fico me perguntando: será que o Bush mandaria invadir o país se lá só houvesse brócolis em vez de petróleo?"²².

Os shows *punks* vão influenciar a geração metálica surgida a partir do final da década de setenta, já que nesses shows toda a agressividade da juventude é colocada para fora. O que não quer dizer que antes as apresentações de *Heavy Metal* não se caracterizassem como um ritual, mas, a atmosfera do início dos anos setenta, ainda era recheada de aspectos lisérgicos, o que caracteriza uma "viagem" mais intimista.

Apesar de toda a sacudida que o movimento *Punk* representou nos alicerces da Indústria Cultural, ele foi logo antropofagicamente engolido pelo sistema, é a velha história do Uróboro, a serpente que devora a própria cauda: o que era contestação, vira padrão de moda, mesmo assim o *Punk* mexe com os valores sociais. Afinal não podem ser esquecidos os elementos dionisiacos, que dissolvem os padrões sociais no mistério dos instintos primevos. De qualquer modo, o show tinha que continuar, e é nos EUA que o *Heavy* vai seguir o seu caminho, é no *Glitter*, um Rock apoiado na dramatização, que as bandas de Rock Pesado vão buscar inspiração, aumentando ainda mais os aspectos catárticos do *Heavy Metal*.

²² Joey Ramone in *Folha de S.Paulo* Ilustrada, 23/04/91.

1.3 ROCK AND ROLL ALL NIGHT AND PARTY EVERY DAY

O *Glitter Rock* abusa das maquiagens e do estilo hollywoodiano, assumindo a poder imagético da indústria do lazer e entretenimento. É uma constante nas bandas de *Glitter* a exaltação da festa como a melhor maneira de encarar o dia a dia. Uma das músicas do *Kiss*, reflete bem esse posicionamento:

You show us everything you've got
You keep on dancin' and room
Gets hot
You drive us wild, We'll drive you
crazy,
You say you wanna go for a spin
The party's just begun, We'll let
you in
You drive us wild, We'll drive you
crazy,
You keep on shoutin',
You keep on shoutin',
I wanna rock and roll all nite
And party every day
You keep on sayin' you'll be mine
for while
You're lookin' fancy and I like
Your style
You drive us wild, We'll drive

You crazy,
 You show everything you've
 got
 Baby, baby,, that's quiet a lot
 you drive us wild, We'll drive
 you crazy
 You keep on shoutin',
 You keep on shoutin',
 I wanna rock and roll all nite
 And party every day (*Rock and Roll all Nite*)

ou na sua versão tupiniquim criada pelos *Fevers*: "Ah, quero *rock'n'roll* e mais, só vou dançar com você"; ou na recriação realizada pelos fãs brasileiros do *Kiss* no show realizado no Maracanã em 1983: "Ah, quero *rock'n'roll* e mais, só vou trepar com você". Como se pode notar com esse exemplo, a criação do texto metálico conta com a participação de receptor, na busca da festa como meio de reagir a serialidade e a mesmice do dia a dia.

Alice Cooper e *Kiss* são os dois nomes mais representativos do *Glitter* dentro do *Heavy Metal*. Desde o início de suas carreiras eles vão utilizar máscaras e elementos cenográficos, acentuando ainda mais o lado catártico do Rock Pesado, numa mistura de circo, teatro, *broadway* e Little Richard. A base de suas músicas e shows parece ser simplesmente a idéia de que Rock é muita diversão e cenografia.

O grupo *Kiss* é uma das maiores referências do *Heavy* norte-americano, assumindo toda espetacularização da indústria cultural. Seus trajes são inspirados nos filmes de terror e ficção científica, tendo como

referência o imaginário cinematográfico. "Naquela época nos ofereciam qualquer coisa. Vamos colocar o *Kiss* em papel higiênico. Na América ultrapassaram as fronteiras do bom gosto. Hollywood batia à nossa porta por muito tempo e não conseguíamos imaginar, se fossemos fazer um filme, como faríamos. Quando a idéia dos super heróis *Kiss* apareceu, que eu podia voar e minhas botas mordiam pessoas, decidimos fazer um filme baseado nisso..."²³.

Uma das marcas registradas da banda foi sua relação com as máscaras: logo no início da carreira, cada integrante da banda adotou uma personagem e construiu uma vestimenta especial para a "figura imaginária". Durante 10 anos, os membros do *Kiss* foram conhecidos apenas através de suas máscaras, uma vez que eles só apareciam em público usando a maquiagem, assumindo o simulacro (simulação de outra realidade) como marca registrada do grupo. A simulação ocupa o lugar da figura humana, a imagem é seu próprio referente. Através da persona (máscara com que encaravam o mundo), o *Kiss* canalizou as energias arquetípicas que suas imagens concentravam, facilitando o intercâmbio com o público *Heavy*. As máscaras atuaram como um poderoso mediador entre a platéia e o lado inconsciente que aflora durante os shows de *Heavy Metal*.

Paul Stanley (guitarrista e vocalista) assumiu a imagem do *Dr. Love* (concentrando a energia sexual), numa espécie de lado feminino do Rock, a sensibilidade da libido. Trabalhando a alma (o lado feminino do

²³ Gene Simmons, baixista e vocalista do *Kiss* in *Top Rock Kiss*, s.d., edição especial.

homem), uma espécie de contrapeso ao machismo do *Heavy Metal*, fazendo aflorar imagetivamente a inquietação, o sentimentalismo e uma certa promiscuidade que marca a história do *rock'n'roll*. A história do Rock Pesado vai ser marcada por ídolos com fortes características femininas, o próprio Paul Stanley influenciou muitas das bandas americanas surgidas na década de oitenta, talvez os fãs projetem em seus ídolos, arquétipos que não assumem individualmente. A anima personifica uma parte inconsciente que foi reprimida durante o processo histórico da cultura ocidental e que possui uma forte energia imaginativa.

Ace Frehley (guitarrista) se transformou no viajante espacial, uma imagem fortíssima dentro da indústria cultural, saída diretamente dos quadrinhos e do cinema *sci-fiction*. Trabalhando com a eterna viagem, a nostalgia de um lugar desconhecido, metáfora da busca imaginária do inconsciente, lugar dos sonhos e fantasias, pontes entre a consciência e o inconsciente.

Peter Criss (baterista) foi o gato, carregando todo enigma que essa imagem representa, cheia de astúcia e agilidade do felino, plena de mistérios e associada à magia e ao desconhecido (o gato preto), além da não submissão (ao contrário do cão que encarna a fidelidade). É o animal que enxerga na escuridão e possui fortes conotações sexuais, seja pelo seu significado como gíria, seja pelo barulho que marca seu acasalamento.

A maquiagem de Gene Simmons (baixista e vocalista) representou uma espécie de demônio-animal, canalizando o inconsciente

tribal. Gene era quem fazia o tipo misterioso nas entrevistas, utilizando uma voz grave e grotesca; sempre possuiu um enorme carisma entre os fãs do *Kiss*, sendo a imagem que marcou o grupo durante a época das máscaras. "O mais nobre de todos os símbolos da libido é a figura humana do demônio ou do herói"²⁴.

Mas o grupo não conseguiu conviver com a confusão que se estabeleceu entre as máscaras e os indivíduos, porque isso implicava uma identificação demasiado forte com a personagem; e depois da saída de alguns integrantes, a banda abriu mão das máscaras em 1983. Como disse o baterista Peter Criss na época de sua saída: "O *Kiss* havia perdido toda magia, me cansei. Estou farto da maquiagem e todas as bobagens que nos rodeiam. O *Kiss* é formado por quatro egos, cada um querendo ser o mais importante. Às vezes, já não sabia o limite entre o gato e Peter Criss. Senti que devia ir, se quisesse conservar a mente sã e a personalidade íntegra"²⁵. O grupo continua gravando e fazendo suas turnês, mas sem o sucesso dos anos setenta, fica a tradicional pergunta: "você confiaria no Super Homem, se soubesse que ele é o Clark Kent?".

Com o *Gltier*, o Rock Pesado absorveu definitivamente o mundo imagético da indústria cultural, recorrendo cada vez mais ao universo catártico do cinema e do espetáculo, com os espectadores assumindo as máscaras de seus ídolos, imitando roupas, posturas e gestos (podendo ser

²⁴ C.G. JUNG, *Símbolos da Transformação*, p. 157.

²⁵ *Somtrês Kiss*, s.d., edição especial.

localizado aqui uma parte dos fenômenos denominados bandas *covers*). Onde o ato de se portar como o ídolo, antes de ser uma simples imitação, funciona como um meio de coesão do grupo, através da tentativa de construir o espaço ritualístico que caracteriza o *Heavy Metal*, ou seja a música ao vivo e sua recepção.

O *Kiss* foi um dos grupos que mais sofreu com a perseguição da "moral" norte-americana e dos religiosos de todo o mundo. Eles foram acusados de satanismo e incentivo a violência. O *Heavy* sempre foi o estilo que os religiosos e "moralistas" usaram como alvo; talvez por canalizar e liberar um potencial energético que assusta aqueles que querem cercar e dominar essa força. Durante a passagem do *Kiss* pelo Brasil, havia dezenas de pessoas distribuindo folhetos que diziam que *Kiss* significava *Knights in Satan Service*.

Outro grande nome do *Glitter* é Alice Cooper, roqueiro que está na estrada desde 68, mas só conseguiu alcançar o sucesso em meados da década de setenta com a produção de Bob Ezrin (que também produziu alguns discos do *Kiss*). Seus shows sempre contam com elementos do teatro, ficou famoso por utilizar muitos recursos cenográficos e até mesmo uma cobra viva no palco.

Voltando a alguns fatos históricos, é em torno de 77 que muitos críticos decretaram o fim do Rock Pesado, como mais um modismo musical que passou. Mas é em plena era da discoteca, que surge o movimento que iria colocar definitivamente o *Heavy Metal* além dos simples

modismos musicais, era chegado o momento da *New Wave Of British Heavy Metal*.

1.4 SCREAMING FOR VENGEANCE

A primeira onda da *New Wave of British Heavy Metal* tem no *Judas Priest* seu ponto de referência . O grupo é praticamente uma unanimidade dentro dos círculos metálicos, sendo considerada a mais honesta e tradicional banda de Rock Pesado em atuação: "Quando se fala em firmeza de caráter , o *Judas Priest* é a expressão máxima. Durante anos eles se converteram em uma das bandas de força motriz fundamental para a propulsão e difusão do *Heavy Metal* a nível internacional. Aferrados em seus ideais e convecidos de sua superioridade, percorreram um áspero caminho na sua ascensão até o topo e somente a mercê da firmeza de seu objetivo puderam finalmente chegar até lá. Na atualidade, são muitos poucos os territórios nos quais o *Judas Priest* não tenha imposto seu reinado"²⁶.

Os integrantes do "Sacerdotes de Judas" são nativos de Birmingham, cidade metalúrgica. Trocadilho que se estende ao Brasil, já que Santo André é considerada o berço do Rock Pesado aqui. O nome do grupo remete à imagem de Judas, que possui toda a carga do imolador do cordeiro, aquele que imola a si mesmo, simbolizando uma união com o inconsciente, o sacrificio também significa a ligação mágica da comunidade. Por esse caminho, podemos perceber a força que o nome *Judas Priest* tem entre os fãs de *Heavy*: "Em 74, quando saiu nosso primeiro disco, não havia um

²⁶ *Metal*/ agosto/ 1983.

público segmentado para o *Heavy Metal*, como existe hoje. Os fãs do *Priest* cresceram junto conosco, e é isso que os faz tão especial para nós. Nós criamos nosso próprio público, à custa de centenas de shows por todo o mundo. Nos orgulhamos de ser parte do início do movimento *Heavy*"²⁷.

Músicas como *Break the Law*, *Sinner* e *Scream for Vengeance* vão confirmar sua mistura da estética sado-masoquista *Punk* (braceletes e roupas com tachinhas e pregos), com elementos de uma estética *easy-rider* (representada pela utilização de uma moto Harley Davidson, batizada de Judas). A junção desses elementos representa o paradoxo do poder tecnológico (imposição da máquina, cavalos de aço, velocidade e potência- representada pela massa sonora e os decibéis do *Heavy Metal*, que coloca outros estilos musicais em outras dimensões): o homem perde o controle consciente e faz emergir o inconsciente reprimido na apologização da tecnologia (masoquista porque aceita e goza com a máquina, elemento racional que sublima aspectos da imaginação; e aceita o eterno movimento, a extrema velocidade como parâmetro de tempo, cuja única saída parece ser a ausência de saídas, aquela que a versão brasileira do título de *Easy Rider* evoca: Sem Destino).

Os elementos de sado-masquismo evocados pelo *Judas Priest* (tachas, pregos e chicotes, além do nome da banda) vão ser uma constante no Rock Pesado, trazendo a tona uma espécie de energia primal que é assumida e descarregada dentro dos próprios fãs de *Heavy*, como se o

²⁷ Rob Halford, ex-vocalista do Judas Priest in *Bizz* abril/1991.

discurso metálico assumisse o jogo de "não pedi para nascer, mas já que se está no mundo é para assumi-lo". Como diz uma das músicas dos "Sacerdotes de Judas": "This is the painkiller".

Por volta de meados da década de setenta, os australianos do *Ac/Dc* conseguiram romper as barreiras mercadológicas impostas pela discoteca e penetrar no mercado fonográfico. O Rock do *Ac/Dc*, tal como seu primo *Punk*, o *Ramones*, é calcado num resgate dos aspectos primais do *rock'n'roll*, tanto que uma das primeiras gravações do grupo foi *Baby Please Don't Go*, antigo sucesso do *bluesman* Muddy Waters. Grande parte do sucesso da banda é creditado a figura do guitarrista Angus Young, que se movimenta freneticamente durante os shows, fazendo inúmeras piruetas e se jogando no chão, geralmente ele sai das apresentações direto para um balão de oxigênio.

As letras e a musicalidade do *Ac/Dc* contribuem ainda mais para evocar o espírito tradicional do *blues*. Suas músicas falam em geral de sexo, bebidas e mulheres; além do tradicional pacto com o diabo, que como foi dito anteriormente é uma tradição no *blues*:

Livin' Easy
 Lovin' Free
 Season ticket on a one-way ride
 Askin' nothin'
 Leave me be
 Takin' everythin' in my stride
 Don't need reason

Don't need rhyme
Ain't nothin' I'd rather do
Goin' down
Party time
My friends are gonna be there too
I'm on the highway to hell
Highway to hell
No stop signs
Speed limit
Nobody's gonna slow me down
Like a wheel
Gonna spin it
Nobody's gonna mess me'round
Hey Satan
Payin' my dues
Playin' in a rock band
Hey mamma look at me
I'm on the way to the promised land
I'm on the highway to hell (*Highway to Hell*)

como se pode perceber por essa letra, o AC/DC evoca o inferno de uma maneira mais irônica, como um espaço de não-submissão aos padrões tradicionais da sociedade, celebrando a festa e o Rock como elementos transgressores e dionisiacos, mais uma vez se faz presente a energia do *rock'n'roll*: "Certa vez, um estúpido veio me dizer que não conseguia entender as letras de nossas músicas. Eu respondi que o Bon não estava cantando, mas urrando, botando os miolos para fora. Quem canta

numa verdadeira banda de Rock?"²⁸.

A década de setenta também trouxe os canadenses do *Rush*, que parecem passar ao largo dos estilos musicais dessa época. Apesar da utilização de elementos do *Heavy Metal* (notadamente uma forte influência do *Led Zeppelin*), o grupo absorveu muitas características do Rock Progressivo, produzindo uma música mais elaborada que o *Heavy* tradicional, o que fez com que alguns críticos os classificassem como *Progressive-Heavy*. A banda se diferencia até na influência de suas criações; enquanto a maioria apelava para o imaginário da ficção científica oriundo da Tv e do cinema, o *Rush* buscou inspiração no universo literário desse gênero. O grupo chegou ao refinamento de citar uma literatura dita mais clássica, como na canção *Tom Sawyer*, baseada no livro homônimo de Mark Twain. Por tudo isso, o *Rush* é um grupo *sui generis* no Rock Pesado, pois mantém seu espaço dentro desse grupo, ao mesmo tempo em que penetra em outras facções do consumo de Rock em geral, sem ser rechaçado pelos fãs de *Heavy*.

Outra banda que marcou esse período de transição *Heavy* foi o *Scorpions*, grupo alemão que produz um Rock mais *soft*, utilizando letras e vestuário simples e despojados (alguns críticos utilizam o termo *Hard Rock* para definir esse tipo de som e diferenciá-lo das bandas mais pesadas). Como se pode perceber através do *Scorpions*, *Rush* e *Ac/Dc*, o *Heavy* começa a expandir o eixo de produção EUA-Inglaterre e se torna mais global. Claro

²⁸ Angus Young, guitarrista do AC/DC in *Somtrês AC/DC*, s.d., edição especial.

que essas bandas só ganham projeção internacional a partir do momento que penetram em um desses dois mercados, mas a aceitação desses grupos por parte de americanos e ingleses é um sinal da ampliação dos canais eletro-eletrônicos de comunicação grupal. O rito pesado e comunicação intercultural já começam a utilizar o clip, como veículo de informação.

1.5 OVERKILL

O grupo inglês *Motorhead* é o marco na transição entre o *Punk* e a *New Wave of Heavy Metal* que vai pontuar o início a passagem dos anos setenta para a década de oitenta. O grupo representa a efervescência dos aspectos tribais do Rock Pesado. Através de sua música, o cenário metálico começou a tomar a forma que conhecemos hoje; inclusive como modo de resistência a outros tipos de música classificados pelos *heavies* como modismos (ex: *New Wave*), pois o *Motorhead* resistiu à tentação de se travestir como um grupo de *Punk-rock*, aguardando o momento certo de fazer sucesso como uma banda de *Heavy*.

A história do grupo se confunde com a figura de Lemmy Kilmister (baixista e vocalista da banda), uma espécie de colagem entre pedaços hippies, posturas *Punks* e muito *Metal*. O som do *Motorhead* é uma imensa usina de concreto caindo sobre nossas cabeças, uma massa de som, representando a energia libidinal como uma força poderosa e fora de controle; expressão de movimento, impulsividade desordenada, os instintos que precisam emergir:

Only way to feel the noise is when it's good and loud
So good I can't believe it, screamin' with the crowd
Don't sweet it, get it back to you
Overkill, Overkill, Overkill (*Overkill*)

A música além de se referir à energia represada, como uma potência, também pode ser entendida como a pressão do cotidiano na sociedade contemporânea, um sofrimento que pode parecer individual, mas que caracteriza uma época.

Scream a thousand miles
 Feel the black death rising a moan
 Firestorm coming closer
 Napalm to the bone
 Because you know
 we do it right
 A mission everynight
 It's a bomber
 It's a bomber (*Bomber*)

Uma das curiosidades do grupo é que seu público é dividido entre *Punks* e *heavies*, já que a própria musicalidade e a temática da banda transita entre esses dois estilos. Essa mistura é bastante explosiva e geralmente seus shows são recheados de confusão, num ritual onde aflora toda uma energia não domesticada:

Know your body's made to move
 Feel it in your guts
 Rock'n'roll ain't worth the name
 If it don't make you strut
 Don't sweat it, get it back to you
 Overkill, Overkill, Overkill

Como os próprios membros da banda fazem questão de frisar, a pancadaria faz parte do show.

A alusão à energia é uma constante no *Motorhead*, sempre evocando muita potencialidade e destruição: "pesado, rápido, rancoroso, arrogante, machista e paranóico. Nós seremos o grupo mais sujo do mundo. Se passarmos no seu jardim, a grama nunca mais nascerá"²⁹. O grupo trabalha o Rock como canalizador dos instintos latentes da juventude, abre espaço para a musicalidade como pura distorção, o urro como vocal; a tensão e a não-domesticidade das forças psíquicas, a festa dos shows como modo de suportar o dia a dia: "Você nasce pelado e morre sozinho. Entre esses dois momentos, você tenta fazer o melhor. E o melhor para mim, é ter uma vida de loucuras, levando o máximo de prazer aos *kids* que, durante uma hora e meia, esquecem essa merda toda."³⁰.

I want to be there
 I gotta see
 I want to feel it
 I want to Watch you look at me
 Oh you know how I feel
 When you set me free
 Like a nightmare, like a nightmare babe (*Like a Nightmare*)

²⁹ Lemmy Kilmister in *Bizz* setembro/1987.

³⁰ *Ibidem*.

As letras do *Motorhead* soam como onomatopéias, uma música que exige distorção até no baixo. O grupo lembra o tempo todo que a realidade não possui traços doces, a pressão é uma constante:

Metropolis, the worlds collide
 ain't nobody could be on your side
 I don't care , I don't care
 Metropolis is something new
 Ain't nobody got eye on you
 I don't care, it's nowhere
 Metropolis the worlds advice
 Ain't nobody on the other side
 I don't carree I'm not there (*Metropolis*)

A banda é famosa por abusar das drogas e do excesso de álcool. A embriaguez possui uma relação com a luxúria, é elemento dionisíaco, portanto símbolo da libido, é uma forma de buscar uma ponte inconsciente contra a mesmice do dia a dia. Como dizem as composições do grupo: "I won't pay your price"- "I'm so drunk".

O *Motorhead* possui uma característica do *Heavy* produzido atualmente, trata-se de uma constante fragmentação, típica da sociedade contemporânea, o que remeteria a uma produção esquizofrênica (esfacelamento do ego, centro de nossa consciência diante do mundo e perda do referencial temporal: passado, presente e futuro presos em fragmentos do inconsciente coletivo e do imaginário contemporâneo). Essa criação esquizofrênica seria uma reação a falta de territórios onde os jovens possam

produzir sua própria subjetividade, sem a canalização de meios como a Tv *broadcasting*, que tendem a veicular programas com baixos índices de segmentação e espontaneidade. A falta de um centro pode ser explicitada no tema *on the road*, que remete a movimento contínuo (uma viagem), sem destino, cujo único objetivo é a necessidade constante de movimento. Este tema é muito caro ao Rock Pesado, especialmente ao *Motorhead*:

He rides a road
 That don't have no end
 An open highway
 Without any bends
 Tramp and his stallion
 Alone in a Dream
 Proud in his colours
 As the chromium dream
 He lives his life
 He's living it fast
 Don't try to hide
 When the dice have been cast
 he rides a whirlwind
 That cuts to the bone
 Wasted forever
 Ferociously stoned
 On Iron Horse he flies
 On Iron Horse he gladly eyes
 Iron Horse his wifelron Horse his life (*Iron Horse*)

Drivin' like a maniac
Drivin' way to hell and back
Another room a case to pack
We are the road crew
Another hotel we can burn
Another screw, another turn
Another Europe map to learn (*We are the Road Crew*)

essas músicas também carregam a potência da máquina e a intensidade de quem dirige um veículo numa auto-estrada. A sociedade contemporânea é marcada pelo movimento, pela velocidade crescente, onde o indivíduo recorta as paisagens como em um imenso *travelling*.

Apesar de toda a movimentação, o *Heavy* ainda não havia conseguido uma aceitação ampla no mercado fonográfico. Em fins da década de setenta e início dos anos oitenta, a maioria das paradas de sucesso eram ocupadas por grupos que produziam um Rock mais açucarado (*new romantic* ou *pós-punk*). Mas o *Iron Maiden*, uma banda de origem inglesa, mudou as coisas. Depois de conquistar a Inglaterra, o *Iron* logo fez sucesso nos Estados Unidos e no Japão, sendo também o primeiro grupo de Rock ocidental a fazer uma turnê pela Europa Oriental.

O início da carreira da banda não foi fácil, mas com uma grande dose de obstinação, os rapazes da "Donzela de Ferro", conseguiram iniciar a década de oitenta como o representante máximo do Rock Pesado: "Uma vez, um selo que prefiro não revelar o nome, nos ofereceu um contrato

de gravação muito bom. O único inconveniente era que, para fechar o contrato, tínhamos que cortar o cabelo bem curto e tocar a música que eles tinham preparado para nós: o *new wave*. Recusamos aquele contrato imediatamente. Não nos interessava outra coisa além de fazer o Rock metálico e, o tempo nos deu razão."³¹(Steve Harris, baixista e fundador do *Iron Maiden* in *Roll*, número 2, 1983). Por esse depoimento é possível perceber o fechamento da tribo metálica, que através de uma espécie de código de honra (não abrir mão do Rock Pesado) cria uma coesão e uma identificação grupal.

O *Iron Maiden* evoca em seu nome uma polissemia, tem um lado medieval - donzela de ferro, instrumento de tortura usado na Idade Média, que além de trabalhar com a mitologia do medievo, é uma herança do sado-masoquismo *Punk* e do grupo metálico *Judas Priest*. O nome demonstra a filiação metálica da banda, e é uma alusão ao apelido da ex-primeira ministra Margaret Thatcher. Intersemiose que remete a Idade das trevas associada aos nossos dias, o tempo caminha, mas as torturas e as presenças do imaginário medieval com seus monstros e medos continuam viva. "Então inventamos canções e situações sobre o passado. Que no fundo são as mesmas situações. O ser humano é o mesmo agora e de dois mil anos atrás. Os mesmos erros continuam sendo cometidos toda hora, então as canções são válidas nesse sentido"³². O próprio nome Idade das Trevas, abominado por alguns historiadores, remeteria à Idade Média para uma

³¹ Steve Harris, baixista do Iron Maiden in *Roll*/fevereiro/1983.

³² Bruce Dickson, vocalista do Iron Maiden in *Bizz*/julho/1992.

época de profundo contato com o inconsciente coletivo:

Cos in my dreams It's already there
The evil face that twisty my mind
And brings me to despair (*The Number of the Beast*)

A banda adotou como mascote uma caveira chamada Eddie (que está sempre presente nos shows e nas capas dos discos). Eddie se transformou num dos mais fortes símbolos da tribo metálica, sua presença em patches(pedaços de pano com figuras desenhadas que são colocados nas camisas ou nas calças) e camisetas, é sinal de reconhecimento imediato como membro do grupo. O crânio é símbolo da analogia entre o homem e o universo, evidenciando a transitoriedade e o recipiente material do espírito, exprime a ligação do homem com a natureza (animalidade-osso) e os mistérios da morte. Eddie é uma espécie de morte simbólica que passeia pela história, transcende o tempo. Assim, assume o papel de assassino na capa do disco *Killers*, conduz Satã em *The Number of the Beast* e se transforma em andróide futurista em *Somewhere in Time*. Ele é um símbolo arquetípico que invade imagens históricas, através da turbulência e fantasmagoria, ele aciona a sombra, o outro, o inconsciente:

I am a man who walks alone
And when I'm walking a dark road
At night or strolling through the park
When the light begins to change

I sometimes feel a little strange
A little anxious when It's dark
Fear of the dark, fear of the dark
I have a phobia that someone's
Always near
I have a phobia that someone's
Always there
Have you run your fingers down
The wall
And you felt your neck skin crawl
When you're searching for the light?
Sometimes when you're scared
To take a look
At the corner of the room
You've sensed that something's
Watching you
Have you ever been alone at night
Thought you heard footsteps behind
And turned around and no-one's there?
And as you quicken up your pace
You find it hard to look again
Because you're sure there
Someone's there
Watching horror films the night before
Debating witches and folklore
The unknown troubles on your mind
Maybe your mind is playing tricks
You sense, and suddenly eyes fix
On dances shadows from behind (*Fear of the Dark*)

Essa música reflete o universo temático do Rock Pesado, primeiro chama a atenção para a solidão e a estrada escura, depois para o lado estranho do ser humano e o medo que é ancestral e faz parte do cotidiano; finalmente trata da temática dos filmes de horror, das bruxas, do folclore (mitos) e do desconhecido que confunde a mente; imagens que compõem o texto metálico. Esses elementos são evocados através da sombra, a "outra pessoa que habita o ser humano", seu lado escuro. É o lado desconhecido (inconsciente) da humanidade, que o cristianismo ocidental e a ciência positivista procuraram ocultar, essa dissociação vai marcar o homem moderno, que tenta sublimar seus medos mais primitivos. Mas, para buscar o equilíbrio psíquico, o ser humano tem que lidar com seu lado claro e escuro, daí a presença constante de escuridão e penumbra no imaginário metálico, em que os símbolos procuram compensar a obscuridade a que foram relegadas essas imagens no dia a dia.

Covered is sinners ans stripping
 With guilt
 Making your money from slime
 And from filth
 Parading your bellies in ivory towers
 Ivesting our lives in your schemes
 And your powers
 You got to watch them- Be quick
 Or Be dead (*Be Quick or Be Dead*)

O *Iron Maiden* surge junto com a MTV, meio fundamental de formação e produção do Rock a partir dos anos oitenta - é a era do *videoclip*, que veio para reforçar o olhar devorador, a visão múltipla que absorve os fragmentos ao seu redor: o olhar neobarroco do Rock. É a era das citações e da volta dos dinossauros (*Deep Purple, Black Sabbath, Ozzy Osbourne*).

Na esteira do *Iron*, vieram outras bandas inglesas como o *Saxon* e o *Def Leppard*. O primeiro com um *Heavy* tradicional, calcado na temática "*on the road*", em mitos medievais e a energia do Rock. Uma das canções mais significativas do *Saxon* é *Crusader*, uma espécie de hino metálico:

Crusader, Crusader, please take me with you
 The battle lies far to the East
 Crusader, don't leave me alone
 I want to ride out on your quest
 I'm waiting, I'm waiting to stand by your side
 To fight with you over the sea
 They're calling, they're calling, I have to be there
 The Holy Land has to be free
 Fight the good fight
 Believe what is right
 Crusader, Lord of the Realm

a idéia da batalha, do herói e os cavalos expressam movimento, força. O tom épico dá a idéia de uma cruzada metálica. *Rock City*, outra música do *Saxon*, transporta a idéia da afirmação grupal para a atualidade, caracterizando os dias de hoje, como os dias do Rock:

Drive time, prime time
Your time, my time
You better get ready, ready to rock
DJ, VJ
Radio, Video
Crank it up mama, the time is right
AM, FM
It's your choice
Looking for the rockshow, make some noise
Play some crazy rock'n'roll
Don't stop now, just give me more
You want it we got it
Nightlife, streetlife
My life, your life
Rockin' the airwaves, all night long
Hi-fi, Sci-fi
Hear my words
We've been a longing time coming, but where here at least
Dream out, scream out
Jam out, rock out
I hear guitars scream in my head
Play some crazy rock'n'roll
Don't stop know, please give me more (*Rock City*)

A cidade é uma espécie de símbolo materno, que abriga seus habitantes, tal como uma caverna, uma fonte e uma igreja. A ligação com a cidade do Rock, destaca as características de cidadão do mundo contemporâneo (VJ, DJ, rádio, vídeo), possibilitando o reconhecimento do espaço grupal e a afirmação de uma existência dentro do universo metálico.

Já o *Def Leppard* é descendente do *Led Zeppelin*, produzindo um Rock mais melódico ou como dizem alguns *heavies*: "mais açucarado". Suas composições ultrapassam as barreiras do mercado de Rock Pesado e atingem um público mais heterogêneo; o que faz com que os fãs radicais do *Heavy* não aceitem o grupo como uma banda pesada, taxando-a pejorativamente de "metal farofa". A influência do *Led Zeppelin* é percebida até na nomenclatura- *Le(a)d Zeppelin- De(a)f Leppard*.

Não se pode deixar de mencionar o nome de *Ozzy Osbourne*, antigo vocalista do *Black Sabbath*, que resolveu seguir carreira solo. Ele é uma das figuras mais controvertidas do Rock Pesado, tem a fama de bêbado e louco, mas uma coisa é certa, sua imagem é adorada pelos fãs do *Heavy*, e sua presença de palco lembra um furacão. Sem dúvida, *Ozzy* é um grande *showman*.

Os grupos ingleses repetiram os caminhos dos primórdios do Rock Pesado, ou seja, conquistaram o mercado norte-americano e faturaram muitos dólares em suas turnês. Como aconteceu anteriormente, os shows incetivaram os americanos a produzirem suas próprias bandas. Afinal os EUA são o berço da MTV.

1.6 METAL MILITIA

O *Van Halen* foi o primeiro grupo da nova safra norte-americana a se fixar depois da *New Wave of British Heavy Metal*. Retomando a tradição do *Glitter Rock*, a banda utilizou a espetacularização e todo o aparato oriundo de Hollywood; tendo a festa e a diversão como base de seus shows. A banda cunhou o termo *Big Rock* para definir seu estilo, dando continuidade ao *Big Show*, com muita alusão ao sexo e às bebidas.

Pode até parecer paradoxal que, justamente a MTV, influencie tanto um tipo de Rock que tem como um de seus fundamentos básicos as apresentações ao vivo. Mas é bom salientar que além da MTV abrir espaços segmentados para a apresentação do *Heavy Metal* (como é o caso de fúria metal, programa produzido pela MTV brasileira), os videocliques de Rock Pesado geralmente utilizam tomadas das turnês, e portanto captadas ao vivo, ou imagens onde a banda simula estar tocando seus instrumentos. Afinal, o apogeu das bandas de *Heavy* são os discos gravados ao vivo; existindo dentro do gênero uma grande procura pela gravações piratas (não-oficiais) de shows.

Bandas como *Motley Crüe* e *Ratt* seguem a trilha do *Big Rock* e recorrem aos adereços e maquiagens do show *bizz* norte-americano. O *Motley Crüe*, por exemplo, assume um visual andrógino, revitalizando a máscara feminina. O inconsciente projeta nas imagens um de seus arquétipos

mais tradicionais: a alma.

O sistema de comunicação dos EUA assimilou rapidamente a nova safra de grupos, ultrapassando o consumo segmentado que havia em torno das bandas de *Heavy Metal*, ampliando o contato grupal que caracterizava o Rock Pesado e ampliando o mercado. Mas, ao fazer isso, a banda deixa de pertencer ao grupo de fãs metálicos e passa a ser chamada, como o *Def Leppard*, de "Rock farofa"; muito visual, baladas e pouca sonoridade metálica, sendo tratada pejorativamente dentro da tribo.

É nesse cenário que tem início o fenômeno das divisões do *Heavy* em vários sub-estilos. Esses movimentos surgiram a partir de uma série de gravadoras independentes, que apoiadas apenas na divulgação boca a boca dos fãs, conseguiram uma enorme penetração no universo metálico.

O grupo americano *Metallica* é considerado o marco dessa nova fase do *Heavy Metal*, criando um sub-estilo que ficou conhecido inicialmente como *Power Metal*. Uma música inspirada na velocidade e vocalizações oriundas do *Punk*, aliadas às influências da *New Wave of British Heavy Metal*, o que vai dar um ar ainda mais agressivo ao Rock Pesado; caráter reforçado pelas letras potentes e raivosas:

We are scanning the scene
In the city tonight
We are looking for you
To start up a fight
There is an evil feeling
In ours brains

But it is nothing new
 You know it drives us insane
 Running, on our way
 Hiding, you will pay
 Dying, one thousand deaths
 Running, on our way
 Hiding, you will pay
 Dying, one thousands deatths
 Searching, seek and destroy
 And that is for sure
 This is the end
 We won't take any more (*Seek and Destroy*)

A música mostra a força da raiva adolescente contra a escola, o trabalho, a família e os governantes, enfim contra a sociedade em geral. "Eu prefiro encarar a vida de frente, indo como manda o instinto"³³. A batida do *Power Metal* acentua ainda mais o compasso binário do Rock pesado, levando a uma analogia com a dualidade vida/morte, cultura/natureza, sonho/consciência, sem contar o ritmo repetitivo, que demarca uma espécie de música ritual na aliteração constante do bater o pé e a cabeça. Como reitera o trajeto metálico, o *Power* parece acentuar aspectos primais que foram recalçados pelo ser humano durante o processo de racionalização/industrialização.

Say your prayers little one
 Don't forget my son

³³ Lars Ulrich, baterista do Metallica in *Top Rock Metallica*, s.d., edição especial.

To include everyone
Tuck you in, warm within
keep you free from sin
Till the sandman he comes
Sleep one eye open
gripping your pillow tight
Exit light
Enter night
Take my hand
We're off to never never land
Something's wrong, shut the light
Heavy thoughts tonight
And they aren't os snow white
Dreams of war, Dreams of liars
dreams of dragon's fire
and things that will bite
Sleep one with one eye open
Gripping your pillow tight
Now I lay me down to sleep
pray the lord my soul to keep
If I die before I wake
Pray the lord my soul to take
Hush little baby, don't say a word
And never mind that noise you heard
It's just the beasts under your bed
In your closet, in your head (*Enter Sandman*)

A letra remete à fantasia como meio de ancorar o barulho e as bestas que estão debaixo das camas, no guarda roupa ou apenas na imaginação. As temáticas, aliadas a sonoridade, remetem ao viver

metropolitano onde, "Acumulando-se por mais de um século, o aumento dos níveis de ruído, do ritmo do trabalho e do movimento e da intensidade da iluminação artificial pode ter chegado a um limite patológico e disparado instintos de devastação"³⁴. Daí a constante presença de imagens e discursos bélicos no *Heavy Metal* (*War Pigs*, *Decade of Agression*, *Battery*, *Die with your Boots*, *Napalm Death*, *Kill by Death*, *Bomber*).

O grupo *Slayer* era denominado de *Speed Metal*, que seria uma música ainda mais rápida e as vocalizações mais gritadas que no *Power*, mas o que aconteceu nessa época foi uma grande confusão entre as nomenclaturas; alguns críticos chamavam o novo *Heavy* de *Power*, outros classificavam o *Metallica* como *Speed*, e assim por diante; o certo é que a denominação *Thrash* serviu como ponto de baliza para os críticos entre o *Heavy* tradicional e a sua nova mistura com a rapidez *Punk*. Um dos traços que vai marcar o *Trash* (*Metallica*, *Anthrax*, *Megadeth*), são composições com muita força e energia; e suas letras vão se referir diretamente ao cotidiano (herança *Punk*):

Everything is perfected
 Everything is sick, that's it
 You can't tell me stop it
 You can tell me not to quit, that's it
 Revolve around yourself
 It's you and no one else
 Hard for me to stay

³⁴ G. STEINER, *No Castelo do Barba Azul* p. 62.

Swinging moods change
 From calmness to deranged
 Unpredictable, unpredictable
 You Would see it
 Only
 You hadn't taken things out of my hands
 Only
 You never wanted to understand
 Clashing ways to live here
 Compromise for me
 You never wanted to understand
 Crucified, terrified, sacrifice
 My hole life (*Only, Anthrax*)

The more of you that I inspect
 The more of me I see reflected
 The more I try to read your lips
 The more the mask you're wearing rips
 But when I seek out your voice
 My ears are overcome with noise]
 You show and tell with greatest ease
 Raving impossibilites
 Engaged in crime I grasp my throat
 Engaged my mind starts to smoke
 Enforce a mental overload
 Angry again, angry again, angry (*Angry Again, Megadeth*)

Curioso é que no aparecimento do *Thrash* em terras brasileiras, se formou uma pequena confusão entre *Thrash* (rápido) e *Trash* (lixo). Mas um adjetivo muito usado pelas revistas especializadas e fanzines

parece ser oriundo desta época: "podreira", termo que significa um som para lá de pesado e sujo.

O *Venom* criou um estilo que a banda autodenominou *Black Metal*, um *Heavy* rápido mas com os vocais mais arrastados cuja a única temática é o satanismo, procurando reafirmar e endurecer a linha ocultista iniciada pelo *Black Sabbath*. Os membros do grupo adotaram até nomes de demônios, como Cronus, Mantas e Abaddon. Essa ligação com o satanismo, além de reforçar a ligação do Rock Pesado com o inconsciente, dá mais coesão interna à tribo metálica. Isso porque essas imagens além de afastar os mais desavisados da música *Heavy*, criam um laço quase religioso entre os fãs, pois só os iniciados compartilham das imagens satânicas como um meio alternativo aos padrões tradicionais impostos pela cultura ocidental. É claro que o ocultismo é uma forma de proteger o grupo do consumo heterogêneo que bandas como o *Van Halen* e *Scorpions* atingiram ao galgarem as paradas de sucesso das FMs tradicionais (existe um purismo entre os fãs mais radicais de Rock Pesado, que chegam a tratar as bandas mais *softs* como falso metal). A linha satanista acabou gerando o *Death Metal*, com uma sonoridade totalmente suja e pesadíssima, e letras que falam o tempo todo de demônios e infernos; o que só faz aumentar a coesão tribal (pelos nomes já é possível identificar algumas bandas de *Death*: *Deicide*, *Ressurrection*, *Morbid Angel*). Como se pode observar através da crítica de Fernando Souza Filha sobre o disco *Been Caught Battering*, da banda *Pungent Stench*: "O mais interessante é que os caras confessaram para a Rock Brigade que adoram *rape funk*, e é

claro que os fãs torceram o nariz. Mas para que radicalizar? Os caras fazem o som mais pútrido da face da terra e tem estilo! Quem sabe eles não ouvem seus *raps* e *funks* em rotação 78? Esqueça os detalhes. Ligue o som, levante os cotovelos, baixe a cabeça e lá vem porrada! Pungent Stench não dá para definir. Tem que ouvir. Bem alto!"³⁵.

É claro que essas subdivisões também afetam o mercado, houve uma enorme proliferação de gravadoras independentes que, longe da grande mídia, fazem sua divulgação nas revistas especializadas (caso da brasileira Rock Brigade), fanzines e nos catálogos distribuídos pelo correio. Mas, o caso é que, apesar de significar um consumo segmentado, essas subdivisões também limitam o universo comercial, talvez por isso grupos que atingem o estrelato como o *Metallica*, tentem fugir da rotulação; "Nós nunca dissemos que éramos uma banda *Thrash*! Se alguém quiser detectar a origem dessa definição, vai achar um daqueles jornalistas ingleses cheios de si. Um belo dia, o cara sentou na cadeira de sua escrivaninha em 84 e inventou esse rótulo. Não me importo com isso. Mas houve um tempo, durante os anos 80, em que fiquei puto pra cacete. Gastei muito tempo e energia tentando convencer todo mundo de que não éramos uma banda *Thrash*. Daí me toquei: 'Se todo mundo achar que somos uma banda *Thrash*, ainda assim vou dormir tranquilo à noite. Eles é que vão ficar com caras de bobos e não eu'. Podem nos chamar do que quiserem. É por isso que você dá um nome à banda: para as pessoas saberem quem você é."³⁶.

³⁵ *Rock Brigade* julho/1993.

³⁶ Lars Ulrich in *Bizz* abril/1993.

O certo é que as subdivisões persistem, para cada estilo que é assimilado por um público mais amplo, surgem outros no meio metálico; e naturalmente, as bandas que têm associações específicas com a segmentação fazem questão de reiterar sua rotulação e sua vinculação especificamente metálica: "O *Death* é uma música dura e potente, isso corresponde bem à mentalidade e ao modo de vida polonês. Em cada show de *Death*, surgem várias centenas de 'maniacs'. E olha que o ingresso custa o equivalente a dois dias de trabalho..."³⁷.

A contrapartida dos sub-estilos foi o *Funk Metal*, um Rock Pesado que mistura o swing e até vocalizações oriundas da música negra (o *Funk*) com muito *feeling* metálico. Esse sub-estilo faz uma espécie de colagem barroca do Rock, onde são aproveitados todos tipos de elementos para produzir uma sonoridade pesada e energética, exemplos desse sub-estilo são o *Faith no More* e o *Red Hot Chili Peppers*.

Hoje há uma grande tendência ao *revival*, bandas como o *Sabbath* e o *Deep Purple* retornaram à estrada. Grupos de *Seattle* como o *Nirvana* e *Pearl Jam*, mesclam o som do *Sabbath* com *Led Zeppelin* e carregam suas composições de sinais da opressão que cerca a juventude no seu dia a dia. Não se pode deixar de lado o *Guns N' Roses*, que na trilha do *Big Rock* assume a tríade Sexo, drogas e *Rock and Roll*. Mas esses grupos ultrapassam a coesão grupal e atingem um público mais heterogêneo, por isso, apesar da filiação metálica, eles não são mais considerados *Heavy Metal*.

³⁷ Peter, guitarrista e vocalista da banda polonesa Vader in *Top Rock* setembro/1993.

"*strictu sensu*", sendo cunhados nomes como *Grunge* para os grupos de *Seattle* e o ressurgimento da denominação *Hard Rock* para os grupos que fazem um Rock mais acessível ao grande público, como o *Guns N' Roses*, o que faz com que os *heavies* olhem estes grupos com desconfiança.

Curioso é perceber que há uma grande proliferação de bandas de Rock Pesado nos países que formavam a cortina de ferro; o que quer dizer que mesmo não participando da trajetória do Rock no ocidente, os jovens da Europa Oriental têm uma identificação quase primal diante do *Heavy Metal*.

TRAJETÓRIA METÁLICA NO BRASIL

O presente trabalho não pretende traçar um amplo painel do *Heavy Metal* no Brasil. Ao invés de fazer uma listagem exaustiva dos diversos grupos, o objetivo é colocar algumas bandas que sejam representativas do Rock Pesado tupiniquim, mostrando como o imaginário metálico é construído dentro dos parâmetros do universo da comunicação de massas. Ou seja, uma espécie de "aldeia global" que, apesar de possuir uma recepção que respeita as idiossincrasias culturais, apela a uma linguagem comum em todas as partes do mundo.

O *Mutantes* apesar de estar distante do rótulo *Heavy Metal* não pode deixar de ser lembrado, já que além ter possuído uma sonoridade pesada, ele vai influenciar todo Rock produzido no Brasil durante a década de setenta. O grupo foi o responsável pela criação de uma linguagem rockeira que valorizava a criatividade local e o Rock de ponta, que era produzido lá fora, como *Jimi Hendrix* e *Cream*, marcando a ruptura com o movimento da Jovem Guarda. Basta lembrar que além de projetar Arnaldo Batista e Rita Lee, a banda assumiu os ruídos e as "viagens" lisérgicas da década de sessenta, projetando a abertura inconsciente como contestação.

O grupo pioneiro do *Heavy* no Brasil é o *Made in Brasil*, banda que desde 1969 vem desenvolvendo um trabalho com uma sonoridade mais pesada que a do Rock tradicional. Mas, no começo, a banda não era

conhecida como *Heavy*, porque ainda não existia essa segmentação em termos de Brasil.

No início da década de setenta, ainda era muito forte a divisão entre rockeiros e puristas; briga oriunda da separação entre uma música mais "engajada" (MPB) e a "alienada" (Rock), naturalmente qualquer Rock mais pesado era visto como uma forma de fugir da realidade da luta política, enquanto a "música popular" era uma visão crítica. Como o país não possuía uma grande tradição nesse estilo musical, até por questões de sobrevivência, não existia uma subdivisão forte dentro do Rock. Mas é importante perceber que, o nome *Made in Brasil*, já traz uma sonoridade que lembra o peso metálico, e atesta sua filiação metálica. Só por curiosidade, o nome foi escolhido devido aos primeiros instrumentos da banda, que eram todos brasileiros.

O *Made* passou pelas mais variados estilos do Rock, mas a partir da década de oitenta se filiou definitivamente ao Rock Pesado. A instabilidade nas formações da banda e a falta de uma divulgação mais sólida demonstram a encruzilhada por onde passou o Rock Pesado no Brasil. Os conservadores viam nos cabelos grandes e no som pesado (como até hoje!) uma apologia das drogas; e os "engajados", enxergavam a "alienação", como cantou Rita Lee: "Rockeiro brasileiro sempre teve cara de bandido(...) Guerrilheiro, forasteiro".

Apesar de seu primeiro Lp ter saído em 1974 pela RCA, a história da banda é marcada pela perseverança dentro do cenário

independente da música nacional (fora dos circuitos das grandes gravadoras e dos circuitos tradicionais).

Essa é uma banda Made in Brasil
Só pra tocar rock'n'roll
Essa é uma banda feita no Brasil
Só pra tocar rock'n'roll (Uma Banda Made in Brasil)

Alguns críticos classificaram *O Peso* e *A Bolha* como bandas que marcaram os anos setenta com uma sonoridade mais pesada; porém o que aconteceu foi que esses grupos eram abertos as várias influências do Rock, tendo assimilado elementos oriundos do *Black Sabbath* como dos Secos & Molhados o que resultou em uma musicalidade mais pesada, mas não especificamente metálica. Essas bandas também vieram de uma época que ainda não existia no país uma definição precisa do *Heavy Metal*, mas ao contrário do *Made in Brasil*, não foram tão persistentes.

Talvez seja extremamente difícil vislumbrar no Brasil um movimento metálico anterior à década de oitenta. Primeiro porque ainda não podemos comparar os fãs da década de setenta com o tribalismo que permeia as metrópoles nos dias de hoje, e segundo, porque devido ao reduzido número de bandas que atingiam um espaço mínimo para sua sobrevivência, era mais fácil a convivência em estilos diferentes do que a fragmentação. Vale lembrar que não existia ainda uma divisão tão específica como hoje, a maioria dos fãs do *Zeppelin*, também ouvia o som progressivo do *Pink*

Floyd.

O grupo *Patrulha do Espaço* surgiu como banda de apoio do ex-mutante Arnaldo Batista, mas com o tempo resolveram seguir carreira solo, navegando em águas metálicas. O próprio nome da banda remete à ficção científica, universo muito caro à temática *Heavy*, porque sugere um contato com o desconhecido. Como a maioria das bandas *Heavies* do Brasil, a *Patrulha* tem toda sua trajetória marcada pelas gravações independentes, em especial o selo *Baratos e Afins*, que foi o responsável pelo lançamento de grande parte do Rock independente no Brasil:

Os anjos estão chegando
Os anjos do inferno
Com suas guitarras
Suas asas
Seus Mistérios
O céu brilhou com naves
Patrulhas do espaço
Escolhendo a raça do futuro
Planeta Rock (*Planeta Rock*)

A letra do *Patrulha do Espaço* remete ao universo metálico do outro mundo (desconhecido), comparando os rockeiros com anjos do inferno, canalizadores da energia psíquica. O planeta Rock como o "espaço" onde os jovens possam exercer sua subjetividade ("a raça do futuro"); como se pode perceber através desse exemplo, apesar de ainda não representar a força do *Heavy* brasileiro atual, o Rock Pesado Tupiniquim já trabalhava a

temática tradicional do *Heavy*, o que caracteriza a trajetória metálica como global.

2.1 SODOMA E GOMORRA

Em 1982 um grupo paraense lança um Lp independente, é o *Stress*, divisor de águas dentro do *Heavy Metal* brasileiro. O sucesso desse álbum nos sebos e lojas de discos independentes é um sinal de que a onda *New Wave of British Heavy Metal* já havia invadido o Brasil. O nome escolhido para a banda marca a busca de uma sonoridade mais ligada à aldeia metálica. *Stress* é uma palavra de origem inglesa, utilizada comumente no Brasil, e portanto de sonoridade ambígua. Apesar de ainda ser cantado em português, o *Heavy* brasileiro já procurava uma linguagem que fosse análoga aos grupos estrangeiros. Exemplo disso pode ser dado pela música *Rockrise*, gravada em compacto independente pelo grupo capixaba *Thor* (banda em que o autor deste trabalho tocou bateria):

Espreite uma nova era
É muito cômoda a espera
Tem de haver uma solução
Pra essa crise que assola a nação
Rockrise, Rockrise

as palavras sublinhadas permitem um jogo com a sonoridade do r, criando uma zona ambígua entre a dicção em português e uma suposta palavra em inglês; sendo que *rockrise* é um refrão que atua entre as duas

línguas.

A história do *Heavy Metal* e sua força como fenômeno tribal no Brasil tem como marco o primeiro *Rock in Rio*, realizado em janeiro de 1985. Nenhum país da América Latina até então, recebera tamanha concentração de astros do Rock em suas terras, sendo que das treze atrações internacionais, cinco pertenciam a linha de frente do Rock Pesado (*Ac/Dc*, *Iron Maiden*, *Ozzy Osbourne*, *Scorpions* e *Whitesnake*). Em um país onde eram raríssimas essas apresentações, foi uma verdadeira inflação metálica, que além de brasileiros, atraiu também muitos *heavies* sul-americanos, principalmente argentinos.

Mas, ao mesmo tempo que colocava os fãs em contato com seus ídolos, o *Rock in Rio* também abria o cenário metálico para o grande público. Os fãs de Rock Pesado porém, acabaram sendo estereotipados, tendo um pouco dos segredos grupais revelados, tais como as músicas restritas à tribo que começaram a penetrar no espaço das FMs e o comportamento dos fãs durante o show: "A Rede Globo é o maior veículo do país sem dúvida. Lançou esse negócio de metaleiro e acabou, sabe? Aquele cara que estava falando lá, o Nelson Motta, esses caras acabaram com o negócio. E ainda começaram a aparecer uns caras vestidos de tachinhas... E o que rolou depois? Me vai o Língua de Trapo no 'Festival dos Festivais' da Globo cantando 'Os Metaleiros Também Amam'... Então, esquece esse termo aqui, eu acho que nós temos que mudar esse termo. E, olha, não temos de

mudar o som, é só a palavra. O som pode continuar o mesmo"³⁸.

Desde o *Rock in Rio*, o termo "metaleiro" ficou proibido dentro do grupo de fãs do *Heavy Metal*, as publicações especializadas e a comunicação tribal adotaram o termo americano *headbanger*, como forma de preservar a identidade grupal. Mas, se por um lado, a Tv Globo esteriotipou os fãs de Rock Pesado, é inegável que o *Rock in Rio* foi fundamental na divulgação do estilo por todo país, o que contribuiu para a criação de inúmeras bandas e para um aumento considerável do público metálico.

O selo independente Baratos & Afins foi o principal veículo de gravação e divulgação das bandas de *Heavy que* começavam a despontar em São Paulo na década de oitenta, sendo responsável pelos discos: *Patrulha do Espaço III e IV*, *Chave do Sol* e *Centúrias*, entre outros. Mas foram as coletâneas SP Metal I e II, que funcionaram como marco da ascensão metálica brasileira. Esses discos (em especial o número 1) mostravam uma efervescência de bandas (*Abutre*, *Avenger*, *Centúrias*, *Korzus*, *Performance*, *Sakrio Mínimo*, *Santuário* e *Virus*) que tinham como referência a *New Wave of British Heavy Metal*, em especial o grupo *Iron Maiden*. As bandas ainda eram incipientes, demonstrando que faltava uma certa maturidade, mais shows e um aperfeiçoamento técnico na execução e na gravação das músicas.

A partir de meados da década de oitenta, o *Heavy* nacional

³⁸ Daril, guitarrista do grupo Platina in *Metal*/junho/1985.

deu uma verdadeira guinada, com a proliferação de centenas de bandas por todo país e a criação de espaços onde se pudesse ouvir e tocar o Rock Pesado. Houve também um grande número de lançamentos independentes, o que garantia um mídia grupal (através de revistas especializadas e malas diretas) como alternativa às grandes gravadoras. A nomenclatura das bandas já mostrava a busca de uma identidade metálica: *Aerometal* (SP), *Alta tensão* (MT), *Astaroth* (RS), *Avalon* (PI), *Blindagem* (PR), *Burn* (SC), *Chakal* (MG), *Crosskill* (RN), *Herdeiros de Lúcifer* (PE), *Mortífera* (PB), *Taurus* (RJ), *Thor* (ES).

Vale destacar a força do Rock Pesado carioca, que na década de oitenta contou com o *Azul Limão*, *Água Brava* e *Dorsal Atlântica*, todos com discos lançados e com realizações de inúmeros shows na capital carioca e adjacências. O Circo Voador no Rio, é responsável por grande parte da história do Rock Tupiniquim na década de oitenta, tendo abrigado bandas das diversas partes do país dos mais variados estilos.

2.2 BESTIAL DEVASTATION

Como foi dito anteriormente, o metal nacional carecia de "tempo de estrada", afinal não era possível comparar o incipiente circuito metálico brasileiro com a tradição européia e norte-americana. Onde se podia sentir a "falta de estrada" dos grupos brasileiros eram em suas letras, que demonstravam um certo primarismo, vide as seguintes críticas: "Como sempre, curta a música e não ouça os versos. Não fosse pelas abordagens aos temas, esse disco poderia ser considerado um dos melhores de 85. Mas, considerando as ótimas guitarras, a bateria terremoto, o baixo preciso, dá para se ouvir com gosto. É só não prestar atenção nas letras"³⁹; "Há que se falar dos temas das canções, ainda imitativos da pauleira lá fora. Canções como 'Império de Satã', 'Catástrofe', 'Cavaleiro Negro' e outras não mostram nada de novo, repisando(sic) temas já muito explorados por grandes de *Heavy Metal*. Falta elaborar mais as letras e jogar, talvez, uma pitada de bom humor."⁴⁰. Através da letra de Cidadão do Mundo(*Avenger* na coletânea SP Metal I) é possível perceber essa ingenuidade:

Se você gosta de Judas Priest
Se Metallica lhe fascina
Então vamos dar as mãos

³⁹ *Metal*/julho/1985 (crítica do disco Metalmorphose da banda Alta Tensão).

⁴⁰ *Metal*/setembro/1984 (crítica do disco Ultimatum das bandas Dorsal Atlântica e Metalmorphose).

Cidadão do Mundo

Já existiam grupos como o *Karisma*, de Santo André (SP), que usavam o inglês como língua do *Heavy*, afinal em qualquer parte do mundo (por exemplo o grupo suíço *Krokus* e o polonês *Vader*) as bandas de Rock Pesado fazem do inglês uma língua universal. Mas foi o Lp *Bestial Devastation* dos grupos *Overdose* e *Sepultura*, através do selo independente Cogumelo, que marcou o amadurecimento do *Heavy* nacional. Não tanto pelo fato do *Sepultura* cantar em inglês ou por ser um disco genial, e sim por representar o início da *Cogumelo* de Belo Horizonte, atualmente a mais importante gravadora independente do Brasil e, é claro, o começo da carreira do *Sepultura*.

O *Sepultura* começou como mais um grupo de *Thrash Metal*, sua música era rápida e agressiva, calcada em temas satânicos como *Bestial Devastation*, *Antichrist*, *Necromancer* e *Warrio's of Death*. A própria crítica não acreditava muito na banda: "Do lado 2 encontraremos o *Sepultura* com: Max Possessed (vocal e guitarra), Tormentor (guitarra solo), Igor Skullcrusher (bateria) e Destructor (baixo). Diferente do grupo anterior (*Overdose*), apesar de compor em inglês fica muito a desejar, pois as músicas parecem todas umas com as outras, sem muita criatividade"⁴¹.

Mas a banda foi mudando com o tempo, e das letras satanistas, passou a encarar a violência e o cotidiano opressivo da sociedade contemporânea (temática herdada do *Punk*), o que levou a uma identificação

⁴¹ *Metal*/maio/1985.

muito grande entre sonoridade, letras e público; como bem observou o crítico Carlos Eduardo Miranda: " O que leva um jovem a ir assistir um show de Rock portando uma machadinha? 'Corrosão interna- nós sentimos/ futuro condenado- nós o vemos/ o vazio chama- nós ouvimos/ premonição final- a verdade'// Este trecho de '*Dead Embryonic Cells*', do disco '*Arise*', do *Sepultura*, pode ser um sinal da miséria existencial pela qual a juventude brasileira transita. Miséria que tem origem no absoluto abandono econômico e intelectual que vive o Brasil."⁴²

O *Sepultura* vai assumir em terras brasileiras uma espécie de "contra-cultura" metálica, que demolia não só qualquer tipo de Rock mais açucarado, como o *Heavy* melódico. Sua sonoridade rompeu qualquer possibilidade de diálogo com a MPB, que naquele momento representava os antigos valores. A música do *Sepultura* é calcada em uma violência sonora, que além de espelhar o ritmo e o ruído das grandes metrópoles, foi a contestação de tudo que pudesse representar uma identidade social com as antigas gerações de rockeiros no Brasil.

Depois de enfrentar os problemas de ser uma banda de *Heavy* brasileira, o *Sepultura* conseguiu ser respeito internacional. Um dos pontos fortes dessa trajetória foi o show de 11 de maio de 1991 realizado no Pacaembu, antes do embarque para uma turnê européia: "O show do *Sepultura* anteontem no Pacaembu consagrou em primeiro o próprio grupo, ovacionado por 30 mil pessoas (...) Consagrou também a tribo dos

⁴² Carlos Eduardo Miranda, *Folha de S. Paulo* Folhateen, 20/05/91.

headbangers, que viveu sua apoteose pública. consagrou finalmente a violência que tem marcado os shows de Rock no país: um jovem foi morto, cinco foram feridos e 29 tiveram intoxicação alcoólica"⁴³. O que mostra mais uma vez, a liberação dos instintos primais que acompanham o Rock Pesado, a vivência da imagem orgiástica que o *Heavy* exterioriza- dialética entre a carne e forças dionisiacas. Escondido, o sangue é vida, espalhado, é morte (queda imaginária). O *Headbanger* coloca para fora a violência que parece obliterada na espetacularização midiática e na serialidade do cotidiano:

Land of Anger
I didn't ask to be born
Sadness, sorrow
Everything so alone
We're born with pain, suffer...remains
(*Dead Embryonic Cells*)

No rastro do *Sepultura* vieram outras bandas, como *Korzus* e *Viper*, que começam a ser conhecidas no exterior. "Todo mundo que vive esse tipo de música sabe que esse agora é um estilo brasileiro. O país está sendo mais respeitado em termos musicais"⁴⁴. Talvez por ser produzido num país de capitalismo periférico, onde as diferenças sociais e portanto a violência são mais escancaradas, o *Heavy* seja tão forte no Brasil:

⁴³ Sérgio Sá Leitão, *Folha de São Paulo* Ilustrada, 13/05/91.

⁴⁴ Silvio Golfeti, guitarrista do *Korzus* in Bizz, julho/1992.

Chaos has descended in "Carandiru"
The biggest penitentiary complex in South America
Over a hundred inmates dead and
hundreds injured on the massacre
The police arrived with helicopters
and over two hundred armed forces
They took the jailblocked called "Pavilhão 9"
and oppened fire on the inmates in a
holocaust method of annihilation
The government of the city cannot control
the brutality of its police
The violence of Brazilian cops is very well
know outside of Brasil, this kind of exterminator
is a method that they use to get rid of the
overpopulation in the jail
The violence of the cops left the whole
pavillion destroyed after the rebellion
"Pavilhão 9" (*Manifest*)

A temática de *Biotech is Godzilla*, do álbum *Chaos A.D.*,
deixa bem claro a procura de uma restauração utópica entre homem/natureza,

em que essa mesma cultura vai provocar a efervescência de instintos primários e revoltas através do Rock Pesado: "Começa com 'Rio Summit 92/ Street people kidnapped/ Hid from view'. Na verdade, o Jello (vocalista e idealizador dos *Dead Kennedys*, grupo *Punk* famoso pelo seu posicionamento político) esteve lá, misturou aquilo que viu com uma informação- não sei de onde ele tirou essa coisa!- sobre um plano de George Bush para testar germes, bacilos, etc, na América Latina. Um plano de usar a gente de cobaia. A partir disso, a letra diz que foi a biotecnologia que criou a Aids. O que ele diz é que a tecnologia por si não é uma coisa má, mas está nas mãos erradas."⁴⁵

O *Sepultura* trabalha com a dualidade do processo vida/morte- cultura/natureza, carregando em sua temática as incertezas e medos do homem. Hoje existe um imenso poderio biomédico: a fertilização de mulheres na menopausa, pré-seleção do sexo do embrião e a manipulação de fatores genéticos. Esses temas permeiam o imaginário cultural contemporâneo, pois "Pela primeira vez esse axioma do avanço contínuo que tudo domina se vê questionado"⁴⁶. Grande abismo, a era da biotecnologia também cria seus monstros ("*Biotech is Godzilla*"), libera energias que não podem ser controladas pela razão. A floresta psíquica continua a liberar suas sombras:

Chaos A.D.

⁴⁵ Max Cavallera, guitarrista e vocalista do Sepultura in *Bizz* setembro/1993.

⁴⁶ G. STEINER, *No Castelo do Barba Azul* p.149.

Disorder unleashed
Starting to burn
Starting to lynch
Silences means Death
Stand on your feet
Inner fear
Your worst enemy (*Refuse/Resist*).

A DANÇA DA TRIBO

O *Heavy Metal* transcende a denominação de estilo musical. Através do vestuário, dos shows e dos locais de encontro do grupo, os jovens procuram construir "territórios existenciais" que possibilitem exercitar uma subjetividade situada além dos espaços normatizados (tais como família, escola e trabalho). Esse "neo-tribalismo" merece uma análise específica, que procure compreender o imaginário metálico como uma nova forma de agregação social. Como diz Maffesoli: "Talvez seja difícil conceitualizá-la, mas com a ajuda de antigas figuras, certamente será possível esboçar seus contornos. Daí a proposição de tribos e de tribalismo"⁴⁷.

O grupo de fãs de *Heavy Metal* (*headbangers*) é uma tribo caleidoscópica, com fragmentos espalhados por todas as partes do mundo, cuja identidade é reconhecida através de imagens arquetípicas como o sangue, demônios e crânios: "Hoje, é o estilo mais democrático que existe. Existem bandas de Heavy na China, Islândia, África, em qualquer lugar"⁴⁸.

Os *headbangers* com suas calças jeans surradas, cabelos compridos e as camisetas que estapam o grupo preferido, já fazem parte da paisagem urbana contemporânea. Por exemplo, na rua 24 de maio em São Paulo, está situada a galeria do Rock, que reúne lojas de discos, roupas e posters de *Heavy Metal* (segundo e terceiro andares). Os símbolos

⁴⁷ M. MAFFESOLI, O Tempo das Tribos, p.200.

⁴⁸ Rob Halford, vocalista do Judas Priest in *Bizz*, abril/1991.

arquetípicos no *Heavy Metal* também funcionam como signos a partir do momento que servem para localizar e identificar um fã de Rock Pesado, mas ultrapassam essa utilização e se inscrevem como veículo fundamental nos ritos metálicos. Suas significações são amplificadas através do texto metálico, ou seja, na troca simbólica produzida pelo *Heavy* entram em jogo os signos visuais, a sonoridade e as letras.

Se compararmos a noção de texto com "uma máquina semântico-pragmática que precisa ser atualizada em um processo interpretativo e cujas regras de geração coincidem com as próprias regras de interpretação"⁴⁹, é possível observar que o principal elo do texto metálico é a música, funcionando como base da troca simbólica. A sonoridade atua como veículo comunicacional (meio) entre o rito e os símbolos (estampados em camisetas, posters e capas de discos). No Rock Pesado, o ritmo e o canto envolvem mais e mais cada participante numa ação coletiva. O rito da dança ("banger"- o ato de mexer a cabeça) é como o local privilegiado para evocar outros mundos: o animal e o divino, em que há uma ruptura entre saber e racionalidade em busca do orgiástico.

É na partilha da sonoridade metálica que surge o segredo da linguagem tribal, só quem diferencia a musicalidade *Thrash* do *Heavy* tradicional, é que tem acesso ao grupo. É esse conhecimento que estabelece a diferenciação em relação às outras tribos e ao todo-social. Conversando sobre o último disco do *Iron Maiden*, o vídeo do *Metallica* ou as últimas gravações

⁴⁹ Umberto Eco apud O. CALEBRESE, *A Linguagem da Arte*, p.159.

do *Sepultura*, o indivíduo se inscreve no universo metálico, e ele é logo reconhecido e aceito, seja na Galeria do Rock em São Paulo, na Rock Shop em Maceió ou na loja Metálica em Campinas.

As subdivisões do Rock Pesado foram uma forma encontrada pelos *heavies* de evitar a possível diluição grupal, com a veiculação e consumação de bandas como *Def Leppard* e *Scorpions*, que produzem um Rock mais acessível aos não-iniciados. Talvez por isso as subdivisões sejam marcadas por músicas cada vez mais rápidas, sujas e pesadas; que aos ouvidos dos mais desavisados pode parecer apenas uma massa sonora indefinida e barulhenta, o que aumenta a coesão grupal e a identificação com esse tipo de som. "Obviamente, para algumas pessoas existe sempre o atrativo da banda que só eles conhecem. Mesmo eu, quando era garoto, lembro que era o único cara da minha turma que gostava de *Iron Maiden* e *Motorhead*. Existia aquele barato de ser você a pessoa que 'espalhava' a notícia. E aí, quando de repente todo mundo que você conhecia passava a curtir aquela banda... não que você passasse a detestá-la, mas..."⁵⁰

O grupo americano *Bon Jovi* é um exemplo de banda que atingiu o topo das paradas de sucesso, mas perdeu todo seu envolvimento tribal. Ao atingir um público heterogêneo, o *Bon Jovi* ameaça o segredo grupal. O que importa para o *headbanger* é a coesão grupal, o som que só é reconhecido dentro da tribo. "A melhor maneira do indivíduo se proteger do riso de confundir-se com os outros é a posse de um segredo que queira ou

⁵⁰ Kirk Hammet, guitarrista do Metallica in *Bizz*, abril/1993.

deva guardar (...) Quando não há motivos suficientemente imperiosos para a manutenção do segredo, inventam-se ou 'arranjam-se' segredos que só são 'conhecidos' ou 'compreendidos' pelos que tem o privilégio de iniciação"⁵¹.

O fã de Rock Pesado está atrás de um espaço que possibilite uma vivência simbólica, que leve o indivíduo a uma partilha de sentimentos diante do mundo contemporâneo. Quando o jovem descobre uma música que partilha com outros a sua angústia, ele se sente restabelecido com o meio, pois há outros que passam pela mesma experiência que ele. A partilha das figuras arquetípicas presentes no *Heavy Metal* estabelece sua comunicação com o mundo, talvez resida aí a universalidade do Rock Pesado, que não respeita barreiras linguísticas, econômicas e sociais. Forma-se assim um espaço, uma abertura para o outro e para os outros, um imaginário de sentimentos comuns diante do mundo (território simbólico), como pode ser reconhecido em uma das letras do grupo *Attomica* (São José dos Campos-SP):

Creatures
Horrible dreams come true
Trepasssing the frontiers of reality
Ghosts from the 4th dimension
Breaking the silence of your mind
They invade it like a hurricane
You won't be the same
They will come

⁵¹ C. G. JUNG, *Memórias, Sonhos e Reflexões*, p. 295.

You cannot see
 If you don't move
 They can't get you (*From Beyond*)

Mais uma vez é possível identificar a temática da sombra, dos fantasmas, dos medos inconscientes que povoam a linguagem metálica, uma experiência de sentido diante do mundo que estabelece a paridade entre os *headbangers*.

O show funciona como rito: a partilha destes sentimentos no ato de estar junto, como se na agitação do Rock Pesado o rito evitasse um acúmulo de energia, uma carga pronta para explodir. No show os participantes ultrapassam as barreiras dos medos e angústias do cotidiano, e transcendem o par de opostos (como medo/desejo - natureza/cultura) que caracterizam o dia a dia. O próprio ritual da dança (*slam dance*), que evoca a regressão da libido aos instintos primais, faz com que o ato de "banger" (movimentar freneticamente a cabeça), seja um modo de espernear, uma ponte entre o movimento constante da sociedade contemporânea e as dimensões arquetípicas do homem: "O pé e o ato de pisar têm significado gerador, isto é, a reentrada no ventre materno; portanto, o ritmo da dança coloca o dançarino num estado inconsciente"⁵². O *headbanger* quer reafirmar a experiência de sentido, o movimento frenético e agressivo, a dança como simulação de uma briga, a energia psíquica quase que vomitada, a expressão de um nihilismo feroz em relação aos meios políticos tradicionais,

⁵² C. G. JUNG, *Símbolos da Transformação*, p. 305.

que parecem não corresponder mais aos anseios da juventude. Marcada pela violência física e mental do mundo, ela reclama:

Violence
 Inspiration to kill
 Terror
 Dirty law is my thrill
 Anyone that cross my way
 Will feel the horror of pain
 Dead bodies laying on the ground
 Death, it's all around
 Deep in the heart, fear grows
 Beyond the boundaries of mind
 The cold city is the only witness
 Of death that walks in the night
 (*Violence and Terror - Atomica*)

Aqui a violência é uma forma de fazer emergir a negatividade do desejo, que é mascarado e sublimado no cotidiano, deixando um hiato. O Rock Pesado procura compensar esse vazio através da força de suas imagens, como observa Maffesoli: "o vivido e a experiência partilhada podem ser o fogo depurador do processo alquímico que permite a transmutação"⁵³.

O *Heavy* lembra a todo momento que a vida é parte de um mundo imperfeito, mas é bem melhor que nada. A falta de humanidade no cotidiano urbano produz agrupamentos com o intuito de compartilhar o

⁵³ M. MAFFESOLI, *O Tempo das Tribos*, p.30.

sentimento: "Todo dia a gente se encontrava às 6 da tarde, começava a beber e metia bronca, tocando até as 10 da noite. James trabalhava de dia, eu trabalhava de noite, e aquelas quatro horas eram uma espécie de refúgio de toda aquela babaquice"⁵⁴.

Outro espaço muito importante na sedimentação do grupo são os bares, como o Socó em Vitória-ES e o Banana Pub em Maceió, que além de *heavies*, costumavam congregar outros rockeiros. Beber junto, falar de Rock e re-conhecer o outro levam à criação de um ambiente que fortalece a agregação orgânica do grupo. Nesses locais o indivíduo importa menos que a persona, que deve representar seu papel tribal, sua ponta na espetacularização cotidiana.

As concentrações de *Headbangers* criam uma união em pontilhado que não significa uma comunhão individual, mas uma relação fática. Nos shows os *heavies* se cruzam, se tocam, se roçam: o corpo assume uma postura agressiva, as cabeças rodopiando com os olhos abaixados, perdidos nas cabeleiras; nesses momentos o *headbanger* parece entrar em transe, vivendo um êxtase só seu, mas compartilhado com o grupo. Intercâmbios se estabelecem na comunhão de um sentimento dionisiaco como forma de significar o mundo. Através de universos fantásticos e da utilização simbólica de imagens ligadas ao satanismo, à destruição e à morte, a tribo mantém a coesão interna, pois o som, o vestuário e o estoque imagético, proliferam em um universo semântico vedado aos não-iniciados.

⁵⁴ Lars Ulrich in *Bêz*, janeiro/1988.

No imaginário metálico é possível reconhecer uma espécie de "Teatro da Crueldade", que incita a imaginação através de uma sonoridade dita absurda por quem está fora da tribo. É nesse *locus* que há a troca simbólica entre ídolo e plateia, onde imagens acústicas e visuais produzem o espaço tribal, situando a persona dentro do *Heavy Metal*-ritual que coloca no mesmo nível fã e grupo musical. Esse espaço simbólico não trata de uma substituição, mas sim de um universo que se institui enquanto realidade.

A imagem de Satã no Rock Pesado atrai a energia psíquica desequilibrada pela moral judaico-cristã. No simbolismo metálico, a psique tenta canalizar essa energia para esses campos semânticos (magia negra, inferno), que além de estarem situados fora dos códigos normativos da sociedade (seja do mercado de trabalho ou da família), são uma forma de tentar construir uma subjetividade própria, sem obedecer aos padrões convencionais do cotidiano.

Cos in my dreams it's always there
 The evil face that twists my mind
 And brings me to despair
 The night was black was no use holding back
 Cos I just had to see was someone watching me
 In the mist dark figures move and twist
 Was this all for real or some kind of hell
 666 the number of the beast
 Hell and fire was spawned to be released
 (*The Number of The Beast - Iron Maiden*)

Satã aparece no *Heavy Metal* como um espaço ambivalente, que funda um espaço ritualístico. O ocultismo no Rock Pesado funciona como um lugar onde é possível dizer não aos padrões ocidentais e a seu discurso repressivo: "por minha culpa, minha tão grande culpa". Como escreveu Maffesoli: "Essa figura demoníaca que se encontra em todos os mitos e todas religiões, o Satã da tradição bíblica que diz não à submissão(...) Ainda que pontualmente destrutiva, a figura satânica não deixa de ter uma função fundadora"⁵⁵. O *Heavy* busca um espaço semântico que conteste os valores ligados ao "bom-mocismo", bastando lembrar que a vestimenta do *headbanger* é o oposto do "bom-comportamento", caracterizado por cabelos bem cortados, roupas passadas e sem rasgões, sapatos limpos e sem adereços como *patches* e colares, enfim um jovem ideal para o "mercado de trabalho".

No *Heavy Metal* vale mais a força agregadora e arquetípica dos símbolos do que propriamente o seu valor de uso, instaura-se uma troca simbólica. Os crânios (presentes nas mais diversas bandas como *Black Sabbath*, *Iron Maiden*, *Motorhead*, *Metallica*, *Slayer*, *Sepultura*, *Attomica*, *Megadeth* e *Alice Cooper*, entre outras) funciona como um meio que transcende os valores presentes na cultura ocidental e funda o "imaginário tribal". Antes de representar o mal, o crânio é subversivo, pois ultrapassa a utilização intimidadora que as sociedades ocidentais lhe atribuem: crânio-perigo. No Rock Pesado a caveira possui uma função fundadora, a morte (mistério), como local privilegiado do espaço dos sonhos, simbólico por

⁵⁵ M. MAFFESOLI, O Tempo das Tribos, p. 70.

excelência.

Tomemos como exemplo o crânio da capa do Lp *Overkill*, do grupo inglês *Motorhead*. Esse símbolo carrega consigo a dicotomia entre natureza (animalidade)/ cultura (razão), como uma energia psíquica fundada na tensão entre morte/vida. A caveira de metal do *Motorhead* é a sintetização de elementos presentes nessa dicotomia: os ossos (natureza) e o metal (cultura). Desse modo a separação radical homem/natureza funda uma exigência de mimese, procurando a restauração utópica através da substanciação dos instintos em cultura. O centro é esfacelado em vários fragmentos, como a potência evocada pela idéia do holocausto (*Overkill*), "esquizofrenia metálica". O crânio é acompanhado de sangue, elemento que carrega a dialética entre a carne (orgiástico) e a morte- prazer e carnificina. Escondido o sangue é vida, espalhado é morte.

Esta potência psíquica pode ser exemplificada pela música *Orgasmotron* da mesma banda, que lembra a energia sexual formadora da psíquica, descrevendo uma força presente e sublimada em todas as partes da sociedade e colocada para fora no *Heavy Metal*:

I am the one, Orgasmotron, the outstretched grasping
hand
My image is of agony, my serbants rape the land
Osequious and arrogant, clandestine and bain
Two thousands years of misery, of torture in my name
Hypocrisy made paramount, paranoia the law
My named is called religion, sadistic, sacred whore

I twist the truth, I rule the world, my crown is called
 deceit
 I am the emperor of lies, you grovel at my feet
 I rob you and slaughter you, your downfall is my gain
 And still you play the sycophant and revel in your pain
 And all my promises are lies, all my love is hate
 I am the politician, and I decide your fate
 I march before a martyred world, an army for the fight
 I speak of great heroic days, of victory and might
 I hold a banner drenched in blood, I urge you to brave
 I lead you to your destiny, I lead you to your grave
 Your bones will build my palaces, your eyes will study
 my crown
 For I am Mars, the god of war, and I will you down.

O inconsciente coletivo no Rock Pesado permite aos *headbangers* compor os arquétipos presentes na linguagem metálica, incutido-lhes vitalidade, por exemplo, o vocalista Leandro Led, do grupo capixaba *The Rain*, acredita que "o Heavy começou a utilizar a caveira e a morte como forma de exorcizar os fantasmas da guerra do Vietnã"⁵⁶ (entrevista realizada pelo autor em novembro 1990). Se levarmos em conta que o *The Rain* possui um som calcado no Rock Pesado dos anos 70, é possível acreditar que até a sua experiência de significação faz parte desse resgate. Já para o vocalista do *Judas Priest*, Rob Halford: "os anos 80 foram agressivos- mas será nos anos 90 que os jovens conseguirão pôr para fora

⁵⁶ Entrevista realizada pelo autor em novembro de 1990.

toda sua raiva e frustração. O Thrash consegue captar o clima opressivo e violento dos dias de hoje"⁵⁷. O que não quer dizer que uma significação anula a outra, muito pelo contrário, as imagens arquetípicas percorrem o tempo aludindo aos sentimentos arcaicos e contemporâneos. As interpretações se cruzam e solidificam a aura simbólica, produzindo na experiência grupal o Espírito do Tempo. Como observou Maffesoli: "é impossível reduzir a polissemia da existência social. Sua 'Potência' está justamente no fato de que cada um dos seus atos é, ao mesmo tempo, a expressão de uma certa alienação e de uma certa resistência" ⁵⁸.

O idioleto do *Heavy Metal*, a sua linguagem específica, é uma forma de fortalecer o grupo. O *headbanger* se mostra à sociedade e se impõe como tal, e ao mesmo tempo, esconde a semântica grupal, restrita aos iniciados. Durante algum tempo era comum nos meios metálicos a utilização de uma camiseta com a inscrição *Fuck Off*, estas palavras exprimem um certo sentimento diante das pessoas e do mundo, mas dentro do grupo, foi também um reconhecimento dos fãs do *Metallica*, já que era a camiseta que James Hatfield (vocalista da banda) usou em algumas fotos e shows; o que remete a uma dinâmica entre o mostrar e o esconder. O idioleto vincula a persona à tribo metálica, onde ocorre a partilha do "segredo", que neste caso não é tão fundamental quanto a experiência grupal.

Existe uma rede que une o grupo através de alguns meios de comunicação de massa, como as revistas especializadas (*Rock Brigade*, *Metal*

⁵⁷ *Bizz*, abril/1991.

⁵⁸ M. MAFFESOLI, *O Tempo das Tribos*, p. 77.

e *Top Rock*); o programa Fúria Metal da MTV e a grande divulgação de shows através de fitas VHS (como no caso dos inúmeros videobares espalhados pelo país). Estes meios além de manterem os iniciados em sintonia com as novidades, situam o Rock Pesado no mundo contemporâneo, formado por uma grande profusão de microgrupos (skatistas, clubers, Punks, funkeiros, etc), que, se por um lado, são bastante diferenciados, com seus simbolismos próprios, também formam um grande caleidoscópio, característico da paisagem urbana contemporânea.

Os cabelos longo, as camisetas pretas ou brancas com o logotipo da banda; as tatuagens de crânios e demônios (inscrevendo na própria carne o mundo simbólico); os namoros que geralmente ocorrem dentro do grupo, como forma de preservar o segredo e favorecer a troca simbólica; além de situar a persona dentro da tribo, funcionam como uma demarcação territorial. Nas boates Dynamo (SP) e Caverna II (RJ), as pessoas que não fossem ligadas ao *Heavy Metal*, eram solenemente ignoradas como "strangers in a strange land", o estrangeiro servindo para lembrar ao grupo a sua coesão interna. A tensão também pode derivar de tribos mais afins, como a briga entre alguns Punks e *headbangers*, como verificadas nos shows do *Ramones* e *Motorhead* no Brasil, em que os próprios grupos revelam uma certa "harmonia conflituosa" (o *Ramones* é oriundo do Punk e é adorado pelos *heavies*, e o *Motorhead* segue o caminho inverso, vale lembrar que as duas bandas se admiram mutuamente). Os Punks acusando os *heavies* de sublimarem a realidade, e os fãs de Rock Pesado acusando os

primeiros de serem violentos, numa mistura de comunicação tribal e conflito, mas sempre reiterando a defesa do território físico e simbólico.

Existe uma certa ligação entre o território físico e o inconsciente coletivo no Rock Pesado, tanto que as bandas geralmente ensaiam em garagens e porões, as boates evocam espaços escuros (como a Caverna II no Rio e a Dynamo em São Paulo). Esses locais são metáforas do inconsciente e, portanto, demarcação de um território simbólico, construindo um imaginário calcado em sonhos e locais físicos. Além disso, o próprio quarto do *headbanger*, recheado de posters das bandas prediletas, marca seu território e reitera sua existência. Podemos perceber a busca da territorialização desde os locais mais privativos (quartos e garagens) até os mais públicos (lojas e boates), que reafirmam a inscrição grupal.

Em todos estes locais é possível verificar a existência de rituais que permitem a identificação. Além do conhecimento das bandas, seus discos e suas formações, há as histórias folclóricas: qualquer *headbanger* que se preza, sabe que o vocalista Rone James Dio saiu do *Black Sabbath* porque quis adulterar sorrateiramente a mixagem do álbum *Live Evil*, ou que John Bonham (baterista do *Led Zeppelin*) morreu sufocado pelo próprio vômito após ingerir mais de quarenta doses de vodka. Essas histórias comuns ajudam no re-conhecimento dos pares e mais uma vez contribuem para a inscrição tribal.

Através do idioleto metálico (sonoridade, dança, temática, imagens, conhecimento das bandas, posturas, roupas, cabelos e histórias)

forma-se uma cadeia de significações que delimita o grupo. Isso dá origem ao "segredo", cujo objetivo é fortalecer o agrupamento da diluição e dos estereótipos presentes nos Meios de Comunicação de Massa. As matrizes (as bandas) passam a ser figuras emblemáticas, tipos ideais que, se traírem o "segredo", podem ser imediatamente substituídas. Ou seja, essas matrizes têm por objetivo permitir ao membro da tribo reconhecer-se e comungar o "segredo" com o resto do grupo. As bandas aparecem aos olhos dos fãs como imagens que apagam a diferença entre o ser e devir (vir a ser). Os ídolos não fazem mais sonhar, eles são os próprios sonhos do *Heavy Metal*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUDOUZE, Jean et alii. *Conversas Sobre o Invisível*. São Paulo, Brasiliense, 1991.
- BACHELARD, Gaston. *O Ar e os Sonhos - Ensaio Sobre a Imaginação do Movimento*. São Paulo, Martins Fontes, 1990.
- BARCINSKI, André. *Barulho*. São Paulo, Paulicéia, 1992.
- BARRETO, Jorge Lima. *Rock & Drogas*. Lisboa, &etc, 1982.
- BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. São Paulo, Perspectiva, 1987.
- BAUDRILLARD, Jean. *Para uma Crítica da Economia Política do Signo*. Lisboa, Edições 70, 1981.
- _____. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa, Edições 70, 1981.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- BIZZ. São Paulo, Editora Azul, setembro/1987 - janeiro/1988 - abril/1991 - julho/1992 - abril/1993 - setembro/1993.
- BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser ou A Fabricação da Realidade*. São Paulo, Cultrix, 1985.
- CALABRESE, Omar. *A Idade Neobarroca*. Lisboa, Edições 70, 1988.
- _____. *A Linguagem da Arte*. Rio de Janeiro, Globo, 1987.
- CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo, Palas Athena, 1990.
- CANIZAL, Eduardo Peñuela. *Surrealismo*. São Paulo, Atual, 1987.
- CHACON, Paulo. *O que é Rock*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

- CHEVALIER, Jean et alii. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1990.
- CORRÊA, Tupã Gomes. *Rock nos Passos da Moda*. Campinas, Papirus, 1989.
- DAUFOUY & SARTON. *Popmusic-rock*. Lisboa, A Regra do Jogo, 1981.
- DOLABELA, Marcelo. *ABZ do Rock Brasileiro*. São Paulo, Estrela do Sul, 1987.
- DUBY, George et alii. *História e Nova História*. Lisboa, Teorema, 1989.
- DURAND, Gilbert. *A Imaginação Simbólica*. São Paulo, Cultrix, 1988.
- ECO, Umberto. *O Conceito de Texto*. São Paulo, Edusp, 1984.
- _____. *Semiótica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo, Ática, 1991.
- _____. *Sobre os Espelhos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1989.
- _____. *Tratado Geral de Semiótica*. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- _____. *Viagem à Irrealidade Cotidiana*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- Folha de S. Paulo, Folhateen* 20/05/91 - *Ilustrada* 13/05/91 - 20/05/91 - 13/08/93.
- GUATARRI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas, Papirus, 1990.
- HARRIGAN & DOME. *Encyclopedia Metallica*. London, Omnibus Press, s.d.
- JUNG, Carl Gustav. *Fundamentos da Psicologia Analítica*. Petrópolis, Vozes, 1987.
- _____. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira,

Somtrês, AC/DC, edição especial. São Paulo, Editora Três, s.d.

Somtrês, Black Sabbath, edição especial. São Paulo, Editora Três, s.d.

Somtrês, Enciclopédia do Rock, edição especial. São Paulo, Editora Três, s.d.

Somtrês, Kiss, edição especial. São Paulo, Editora Três, s.d.

Somtrês, Livro Negro do Rock, edição especial. São Paulo, Editora Três, s.d.

STEINER, George. *No Castelo do Barba Azul - Notas Para uma Definição do Conceito de Cultura*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

Top Rock. São Paulo, Editora Escala, setembro/1993.

Top Rock, Kiss, edição especial. São Paulo, Editora Escala, s.d.

Top Rock, Metallica, edição especial. São Paulo, Editora Escala, s.d.

ANEXOS



1987.

_____. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira,

1989.

_____. *Psicologia do Inconsciente*. Petrópolis, Vozes, 1990.

_____. *Psicologia e Alquimia*. Petrópolis, Vozes, 1991.

_____. *Símbolos da Transformação*. Petrópolis, Vozes, 1986.

MACHADO, Arlindo. *Máquina e Imaginário*. São Paulo, Edusp, 1993.

MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos*. Rio de Janeiro, Forense
Universitária, 1987.

MELO, Hygina Bruzzi de. *A Cultura do Simulacro - Filosofia e
Modernidade em Baudrillard*. São Paulo, Edições Loyola, 1988.

Metal. Rio de Janeiro, Diagrama Editora, agosto/1983 - setembro/1984 -
maio/1985 - junho/1985.

MUGGIATI, Roberto. *O Grito e o Mito*. Petrópolis, Editora Vozes, 1983.

_____. *História do Rock* (4 volumes). São Paulo, Editora Três, 1983.

NOVAES, Adauto et alii. *O Olhar*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

PEIXOTO, Nelson Brissac. *Cenário em Ruínas*. São Paulo, Brasiliense,
1987.

RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação*. Lisboa, Edições 70, 1987.

Rock Brigade. São Paulo, Editora Rock Brigade, julho/1993.

Roll. Rio de Janeiro, Diagrama Editora, fevereiro/1983.

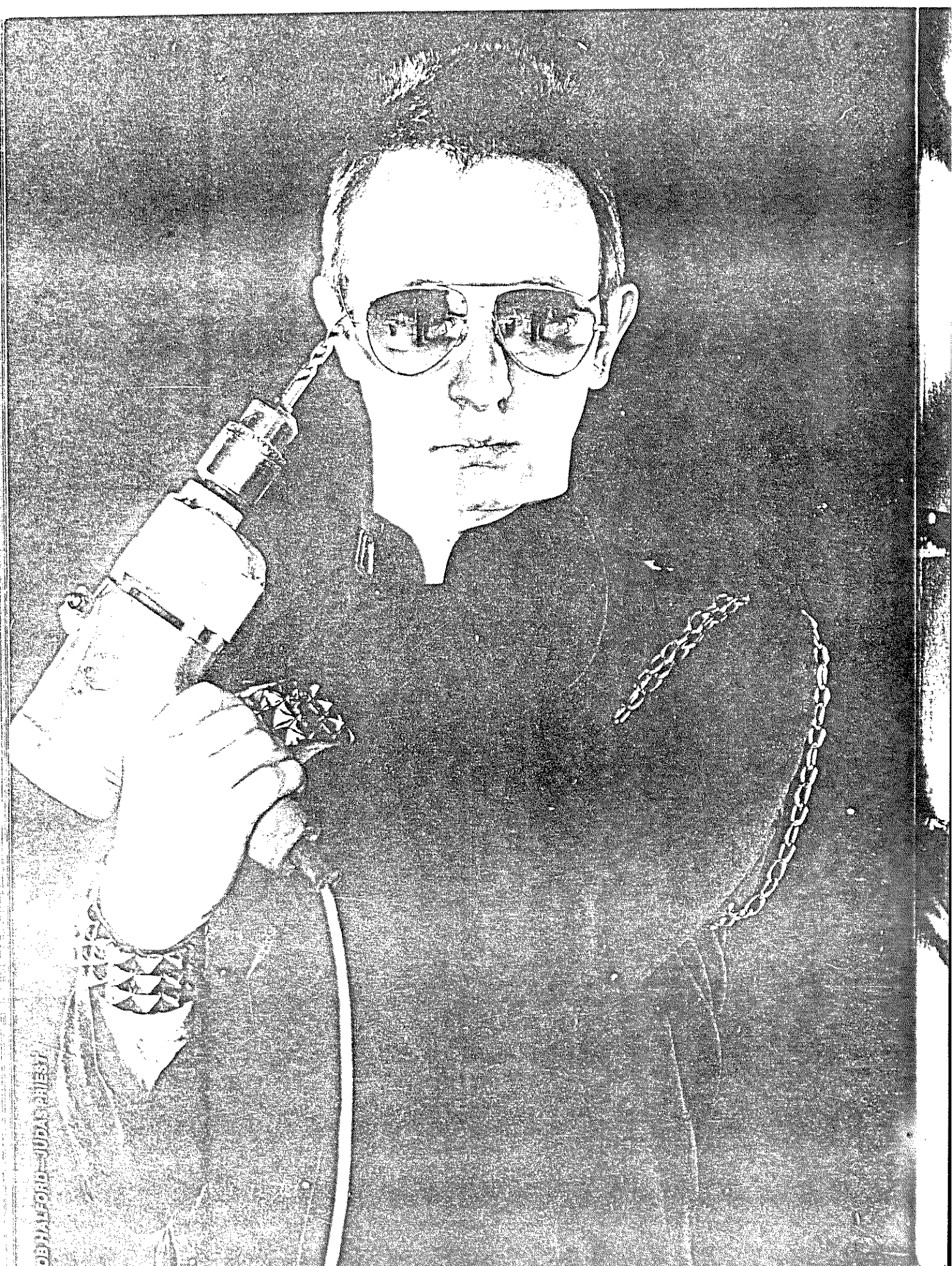
SAMUELS, Andrew et alii. *Dicionário Crítico de Análise Junguiana*. Rio
de Janeiro, Imago, 1988.

KISS

UM SUPERPOSTER GIGANTE
A DISCOGRAFIA COMPLETA
A HISTÓRIA DO GRUPO
COMO FOI CRIADO O VISUAL
MAIS LOUCO DO ROCK

TEM AÍ MAIS UMA EDIÇÃO ESPECIAL DA
somtrês



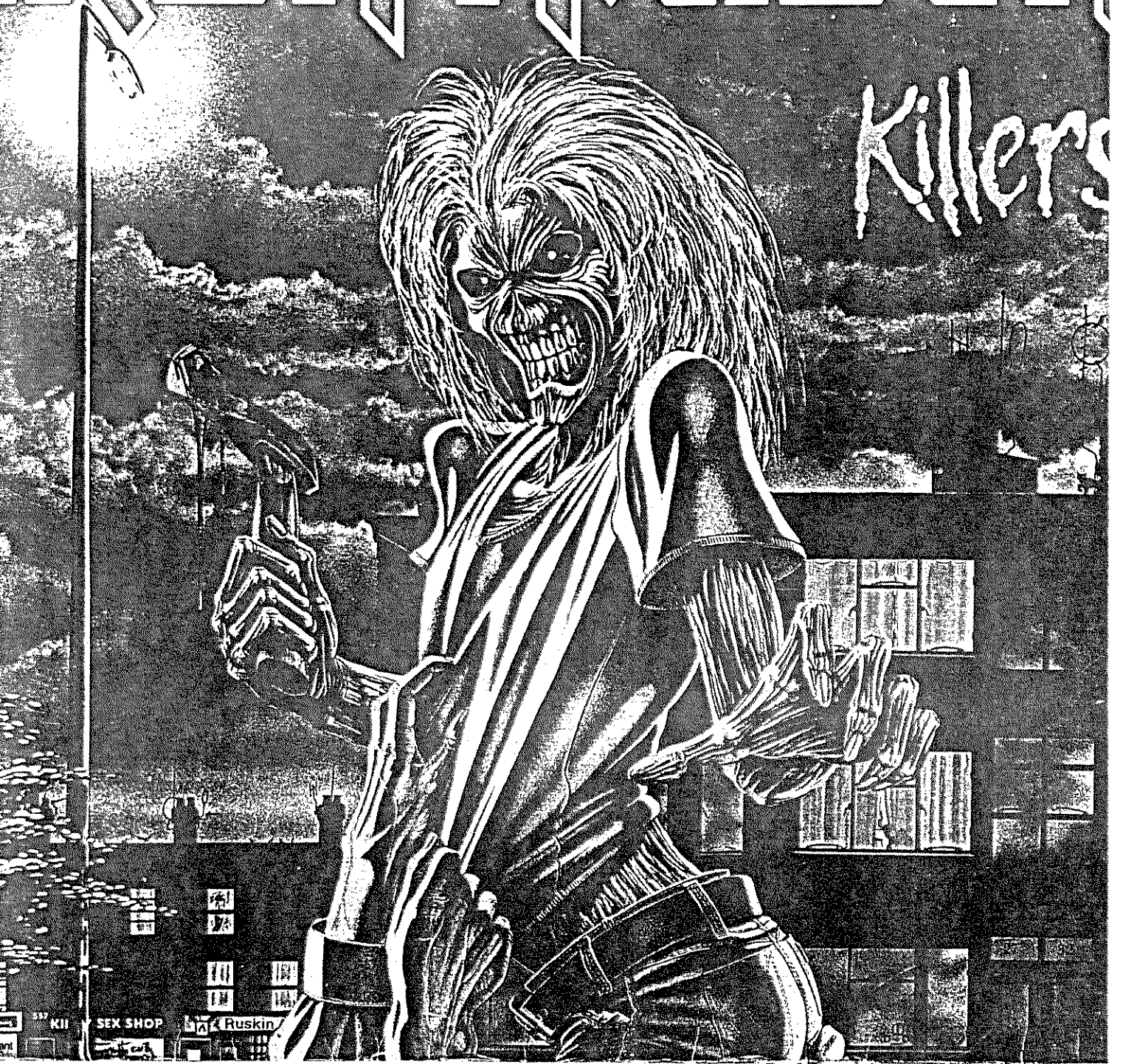


DE HALLFORD—JUDAS CHIEF



IRON MAIDEN

Killers

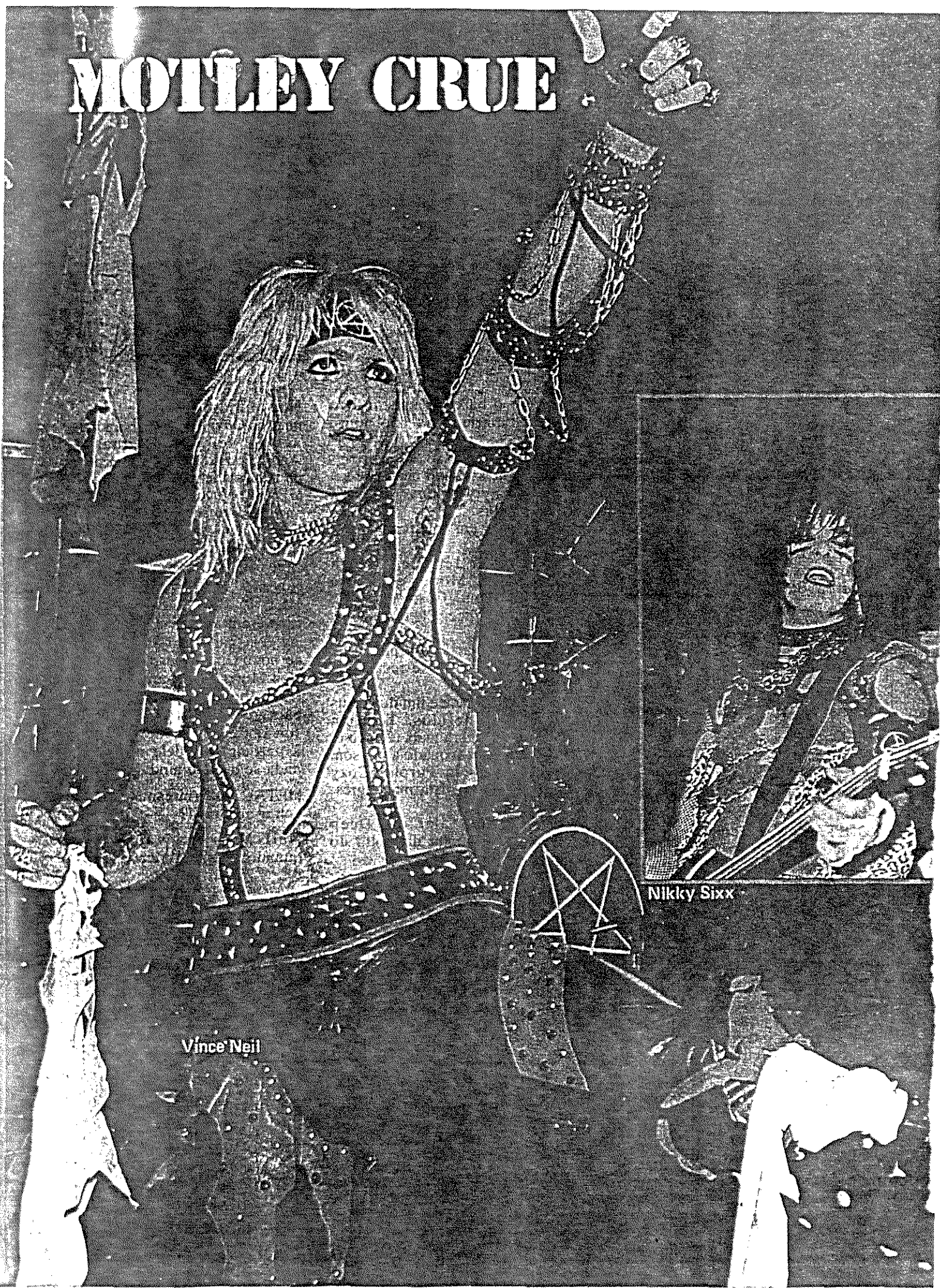


IRON MAIDEN





MOTLEY CRUE

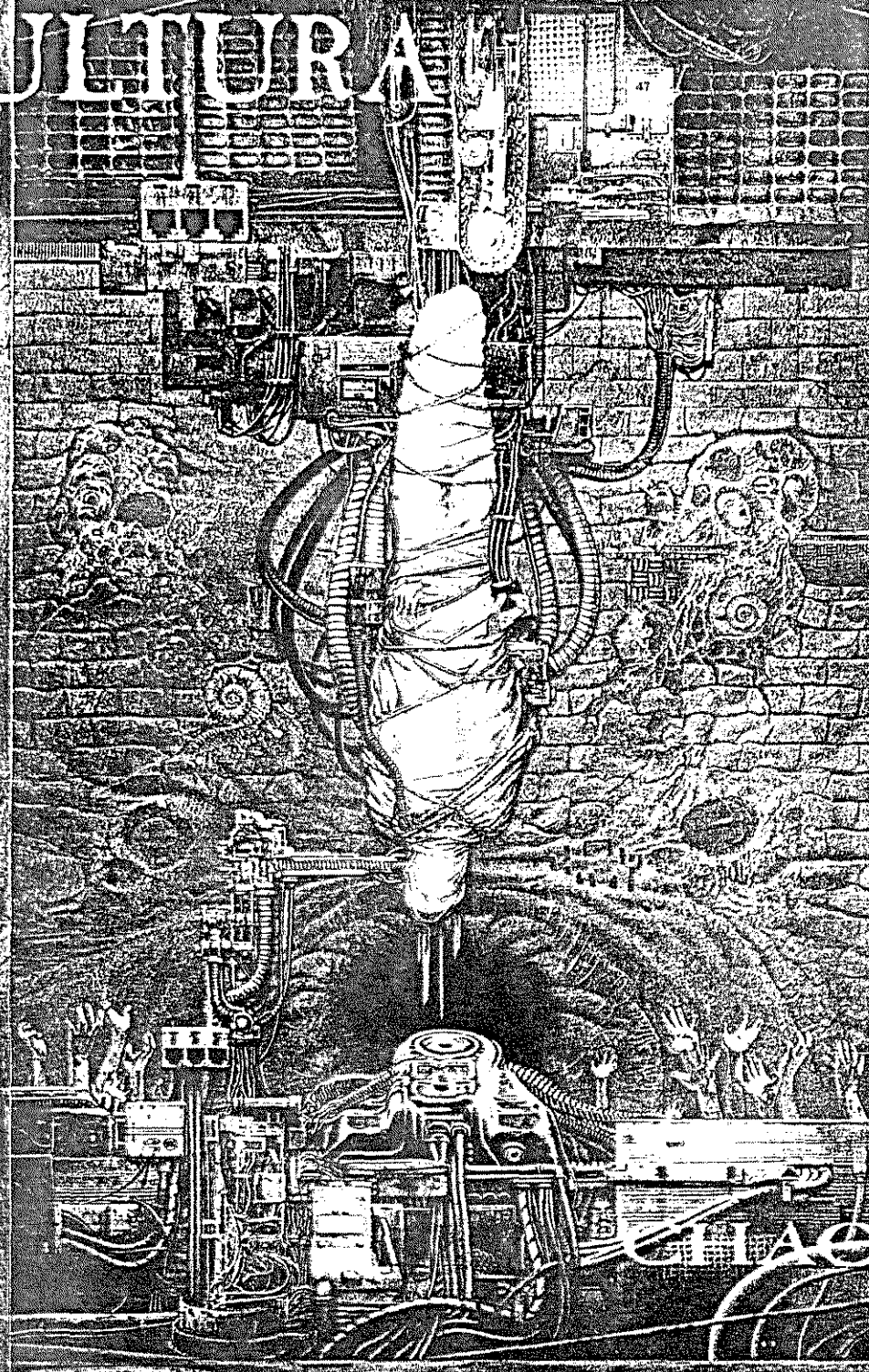


Vince Neil

Nikki Sixx

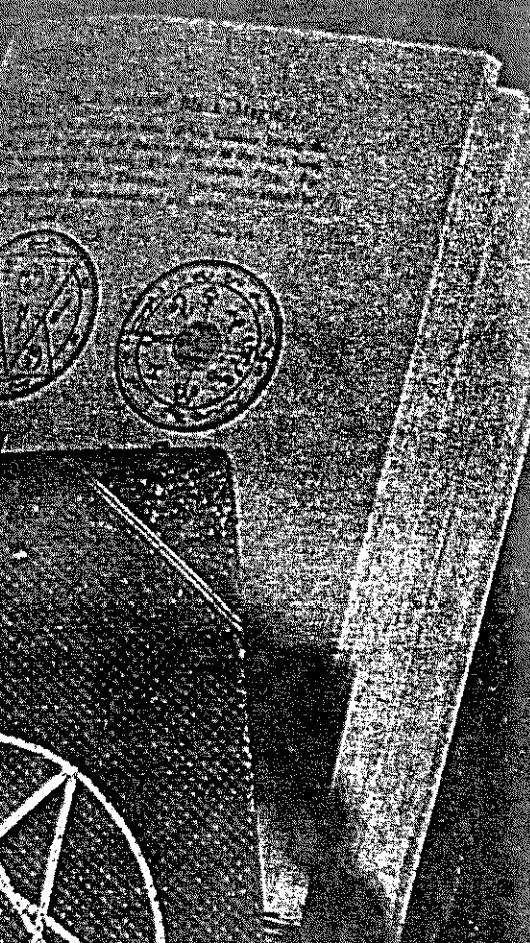
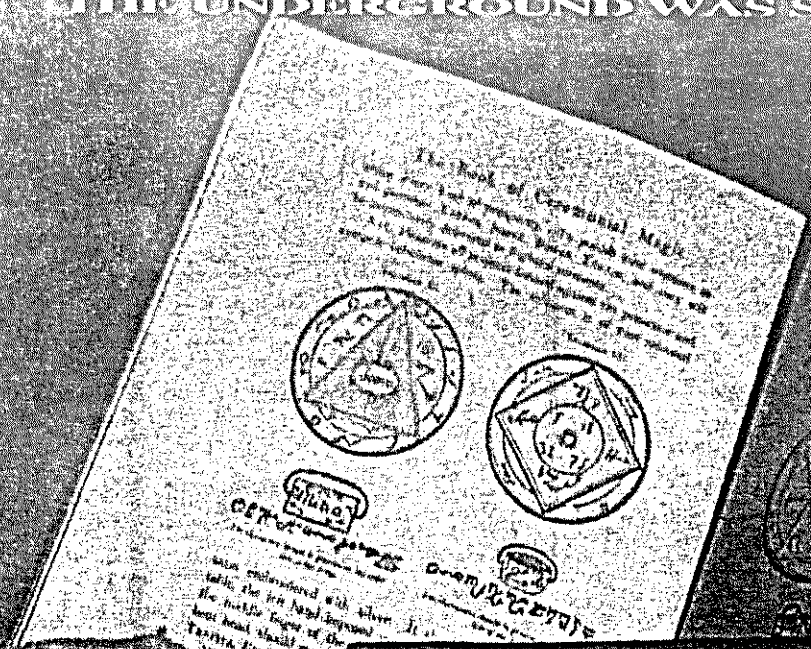
SEFULTURA

COLLEZIONE



CHAOS A.D.

AND ON THE EIGHTH DAY
SATAN SLAUGHTERED GOD AND
THE UNDERGROUND WAS SPAWN....



OP ROCK